

**LINGUAGEM EM
PERSPECTIVAS MÚLTIPLAS:**
ESTUDOS E PESQUISAS DO I SEDE - SEMINÁRIO DE
DISCENTES E EGRESSOS DO PROGEL/UFRPE



Marcela Moura Torres Paim
Ivanda Maria Martins Silva
Iran Ferreira de Melo
Melk Andrade Costa
Waldemar Cavalcante de Lima Neto
Organizadores(as)

LINGUAGEM EM PERSPECTIVAS MÚLTIPLAS:
ESTUDOS E PESQUISAS DO I SEDE - SEMINÁRIO DE
DISCENTES E EGRESSOS DO PROGEL/UFRPE

1ª Edição

Recife,
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Maria José de Sena
REITORA

Maria do Socorro de Lima Oliveira
VICE-REITORA

Danielli Matias de Macedo Dantas
PRÓ-REITORA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO - PREG

Rinaldo Aparecido Mota
PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO - PRPG

Renata Valéria Regis de Sousa Gomes
PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO, CULTURA E CIDADANIA - PROEXC

Tália de Azevedo Souto Santos
PRÓ-REITORA DE GESTÃO ESTUDANTIL E INCLUSÃO - PROGESTI

Renata Andrade de Lima e Souza
PRÓ-REITORA DE GESTÃO DE PESSOAS - PROGEPE

Rodrigo Gayger Amaro
PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO - PROAD

Joana dos Santos Silva
PRÓ-REITORA DE PLANEJAMENTO E GESTÃO ESTRATÉGICA - PROPLAN



UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TECNOLOGIA

Elidiane Suane Dias de Melo Amaro
DIREÇÃO GERAL E ACADÊMICA

Paula Basto Levay
COORDENAÇÃO GERAL DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO

José Temístocles Ferreira Júnior
COORDENAÇÃO GERAL UAB

Felipe de Brito Lima
COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO

Maria de Lourdes Costa de Vasconcelos
SEÇÃO DE AVALIAÇÃO EXTERNA INSTITUCIONAL



PROJETO EDITORIAL

Gabriel Santana
Josué Santiago
Rebeka Vivyan

PRODUÇÃO GRÁFICA

Carlos Alberto Ferreira
Fábio Antônio Menezes
Jader Matias de Oliveira

COORDENAÇÃO

Felipe de Brito Lima

CORPO EDITORIAL

Amanda Brandão Araújo Moreno – Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE
Ana Lorena dos Santos Santana – Secretaria da Educação de Fortaleza (SME)
Eduardo Barbuio - Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE
Emanuella de Jesus Ferreira da Silva – Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco (SEE-PE)
Jomson Teixeira da Silva Valoz – Universidade de Pernambuco - UPE
José Temístocles Ferreira Júnior – Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE
Maria Célia Lima-Hernandes – Universidade de São Paulo - USP/SP
Natanael Duarte de Azevedo – Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE
Renata Barbosa Vicente – Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE
Vlader Nobre Leite – Universidade de Pernambuco - UPE

REVISÃO

Marcela Moura Torres Paim
Ivanda Maria Martins Silva
Iran Ferreira de Melo

Os conteúdos abordados nos capítulos deste livro são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores.

Todos os direitos reservados pela Editora da UFRPE. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, sem a prévia autorização da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia

L112 Linguagem em perspectivas múltiplas: estudos e pesquisas do I SEDE-Seminário de Discentes e Egressos do PROGEL/UFRPE / Marcela Moura Torres Paim, Ivanda Maria Martins Silva, Iran Ferreira de Melo, Melk Andrade Costa, Waldemar Cavalcante de Lima Neto. Recife: EDUFRPE, 2024.
75p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN DIGITAL N° 978-65-86466-25-6

1. Linguagem 2. Letras 3. Linguística 4. Literatura 5. Pós-Graduação I
PAIM, Marcela Moura Torres, org. II. Silva, Ivanda Maria Martins, org. III. Melo,
Iran Ferreira de, org., Costa, Melk Andrade; Lima Neto, Waldemar Cavalcanti de.

SUMÁRIO

9 | **Apresentação**

13 | **Capítulo 1**

A formação docente para o uso dos livros cartoneros: a produção de gêneros textuais da modalidade escrita da língua

Waldemar Cavalcante Lima Neto

Valéria Severina Gomes

Vicentina Maria Ramires Borba

41 | **Capítulo 2**

Manuscritos culinários de Evelina Torres Soares Ribeiro: uma interface entre a sociolinguística e a tradição discursiva

Ladjane Valéria Félix de Lima Luz

Marcela Moura Torres Paim

59 | **Capítulo 3**

A voz humana: reflexões sobre literatura e cinema

Túlio Vasconcelos

Brenda Carlos de Andrade

73 | **Capítulo 4**

Nada é permanente: a variação linguística no livro didático de língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental – estudo de caso do 6º ano

Thiago Henrique Pereira do Nascimento

Renata Barbosa Vicente

93

Capítulo 5

Latrinária revelada: um levantamento sobre pesquisas na área no Brasil

Melk Andrade Costa

Iran Ferreira de Melo

107

Capítulo 6

Unidades fraseológicas em casos de Ariano Suassuna

Antonieta Cabral da Silva

Marcela Moura Torres Paim

APRESENTAÇÃO

No ano de 2023, a Comissão de Acompanhamento e Monitoramento de Egressos do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem – PROGEL/UFRPE, constituída pela Portaria nº 015/2023 - PROGEL, de 15 de junho de 2023, formada pelos professores Ivanda Maria Martins Silva (Presidente da Comissão), Marcela Moura Torres Paim (Membra Docente Titular) e Iran Ferreira de Melo (Membro Docente Titular) organizou o *I SEDE - Seminário de Discentes e Egressos do PROGEL/UFRPE*.

A Comissão Organizadora do I SEDE foi coordenada pelo professor Dr. Iran Ferreira de Melo, com a participação de Melk Andrade Costa, mestrando do PROGEL, além de discentes egressos do PROGEL, Paula Korey da Silva, Waldemar Cavalcante de Lima Neto e Aleksandro Vital de Almeida.

O *I SEDE- Seminário de Discentes e Egressos do PROGEL/UFRPE* aconteceu de forma *on-line* e reuniu 61 participantes, com 16 trabalhos apresentados na modalidade de comunicação oral, com 10 apresentações na área de Linguística e 6 na área de Literatura. O evento contou, também, com a roda de autoavaliação para apresentação e consolidação do instrumento de autoavaliação, com foco no discente egresso, além de apresentações artísticas.

A presente obra *A linguagem em perspectivas múltiplas: estudos e pesquisas do I SEDE - Seminário de Discentes e Egressos do PRO-*

GEL/UFRPE apresenta as pesquisas de discentes e egressos do *PROGEL/UFRPE* em coautoria com os(as) docentes orientadores(as), com vistas a ampliar a divulgação científica nas linhas de pesquisa do programa em sintonia com a área de concentração Estudos Interdisciplinares da Linguagem. Nesse sentido, os capítulos desta obra evidenciam pesquisas nas seguintes linhas de pesquisa do *PROGEL*: *Linha 1 – Análises linguísticas, textuais, discursivas e enunciativas* e *Linha 2 – Análises literárias, culturais e históricas*. A obra está organizada em seis capítulos, conforme descrição a seguir:

“A formação docente para o uso dos livros cartoneros: a produção de gêneros textuais da modalidade escrita da língua”, capítulo de autoria de Waldemar Cavalcante Lima Neto, Valéria Severina Gomes e Vicentina Maria Ramires Borba, apresenta os resultados de uma pesquisa-ação que promoveu o *curso de cartonaria*, cujo objetivo foi ensinar a professora de Língua Portuguesa de uma turma de Ensino Médio a produzir artesanalmente o livro *cartonero* e usá-lo como mecanismo pedagógico para o processo de produção textual e leitura/escuta da alma para fortalecer o trabalho com gêneros na modalidade escrita em práticas sociointeracionistas.

Ladjane Valéria Félix de Lima Luz e Marcela Moura Torres Paim, no capítulo *“Manuscritos culinários de Evelina Torres Soares Ribeiro: uma interface entre a sociolinguística e a tradição discursiva”*, investigam como dialogam a Tradição Discursiva e a Sociolinguística Variacionista, nas receitas culinárias dos séculos XIX, XX e receitas atuais, através de um estudo diacrônico, além de apresentar um breve perfil social da escrevente e um recorte do

acervo documental inédito dos manuscritos culinários para a comunidade acadêmica como fontes riquíssimas para conhecer a história social e textual.

O capítulo *“A voz humana: reflexões sobre literatura e cinema”*, de Túlio Vasconcelos e Brenda Carlos de Andrade, trata da análise do livro *A Voz Humana*, do escritor Jean Cocteau, e o filme *A Voz Humana*, de Pedro Almodóvar, demonstrando que apesar da linguagem diferente, a adaptação cinematográfica mantém em sua essência as mesmas discussões trazidas pela obra literária: as questões de identidade de gênero com o foco nas questões de gênero e de representação feminina como cerne da análise.

“Nada é permanente: a variação linguística no livro didático de língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental – estudo de caso do 6º ano”, texto de Thiago Henrique Pereira do Nascimento e Renata Barbosa Vicente, discute o fenômeno da variação linguística e do preconceito linguístico no Livro Didático de Português *“Se liga na língua 6º ano”* (2018), de autoria de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, aprovado no PNLD 2020, por meio da análise das atividades cujos resultados apontam um trabalho adequado com o fenômeno da variação linguística.

Melk Andrade Costa e Iran Ferreira de Melo apresentam o capítulo *“Latrinária revelada: um levantamento sobre pesquisas na área no Brasil”*, que percorre pesquisas na área da escrita latrínica, que se caracteriza como um fenômeno linguístico presente nos banheiros públicos, constituindo-se em uma expressão sociocultural rica em significações sob a forma de autopromoção da sexu-

alidade, além de reproduções de preconceitos e discriminações, presença marcante de expressões homofóbicas, transfóbicas e misóginas, revelando a latrinária como um espaço simbólico onde as normas sociais e as dinâmicas de poder se manifestam.

Por fim, o capítulo *“Unidades fraseológicas em casos de Ariano Suassuna”*, de Antonieta Cabral da Silva e Marcela Moura Torres Paim, descreve e analisa unidades fraseológicas retiradas de casos de Ariano Suassuna disponíveis na plataforma de vídeos, *YouTube*, numa perspectiva da linha francesa, através da proposta de Mejri, (1997; 2012), mostrando como o léxico de uma língua está sempre relacionado à cultura da sociedade e como as pessoas criam unidades fraseológicas para favorecer a comunicação no seu meio social.

Convidamos todos à leitura de temas de relevância para os estudos da linguagem.

Marcela Moura Torres Paim
Ivanda Maria Martins Silva
Iran Ferreira de Melo
Melk Andrade Costa
Waldemar Cavalcante de Lima Neto
Organizadores(as)

CAPÍTULO 1

A FORMAÇÃO DOCENTE PARA O USO DOS LIVROS CARTONEROS; A PRODUÇÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS DA MODALIDADE ESCRITA DA LÍNGUA

LIMA NETO, Waldemar Cavalcante¹

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco
waldemar.cdneto@professor.educacao.pe.gov.br

GOMES, Valéria Severina²

²Universidade Federal Rural de Pernambuco
valeria.sgomes@ufrpe.br

BORBA, Vicentina Maria Ramires³

³Universidade Federal Rural de Pernambuco
vicentina.borba@ufrpe.br

1 Doutorando em Ensino pelo Programa de Pós-graduação em Rede Nordeste de Ensino – RENO-EN –UFRPE, graduado em Letras (Português e Inglês) pela Faculdade de Formação de Professores de Nazaré da Mata (UPE), mestre pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação (PPGE), Mestrado e Doutorado Profissional em Educação (UPE) e mestre em Estudos da Linguagem pelo PROGEL–UFRPE. Atualmente, é professor da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco.

2 Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com pós-doutorado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística de Texto, Linguística Aplicada, Linguística Sócio-histórica e Tradições Discursivas. Professora do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e professora do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL) da UFRPE.

3 Doutora em Linguística (UFPE) e Pós-doutora em Linguística Aplicada (UECE/Sorbonne-Paris). Atualmente é professora do curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL) na UFRPE.

RESUMO:

A formação de professor é um contínuo (Novoa, 1992). É imprescindível concebê-la como um direito do docente, que lhe permita dialogar com saberes plurais, técnicas e processos fortalecedores, os quais promovam o exercício do profissional com a finalidade de atender as necessidades dos seus educandos. Nesse local de singularidade e de suma relevância, o professor de Língua Portuguesa necessita de uma formação assentada na dimensão interacionista da linguagem, contribuindo não apenas para a interação social, mas também para a escrita de diversos gêneros textuais em sala de aula, com os estudantes. Assim, foi promovido o *curso de cartonaria*, cujo objetivo foi ensinar a professora de Língua Portuguesa de uma turma de Ensino Médio a produzir artesanalmente o livro e usá-lo como mecanismo pedagógico para o processo de produção textual e leitura/escuta da alma. Através da pesquisa-ação, foi possível ofertar formação para a professora produzir o seu livro e utilizá-lo em sua aula para fortalecer o trabalho com gêneros na modalidade escrita. Para análise do processo, recorreu-se à abordagem do texto na sala de aula, refletindo-os a partir das contribuições de Geraldi (1999), Antunes (2003), Marcuschi (2008) entre outros. Os resultados apontam que a formação do professor engaja o profissional em práticas sociointeracionistas, cujo uso dos livros *cartoneros* possibilita a realização de um trabalho amplo e rico com a linguagem para a produção de uma gama de gêneros textuais escritos em sala de aula.

Palavras-chave: Formação de professor; Livros cartoneros; Gêneros textuais; Linguagem; Sociointeração.

Abstract: The teacher's training is a continuous process (Novoa, 1992). It is essential to conceive it as a right of the educator, allowing them to engage with diverse knowledge, techniques, and strengthening processes that promote the professional's practice with the purpose of meeting the needs of their students. In this unique and highly relevant context, the Portuguese language teacher requires training grounded in the interactionist dimension of language. This not only contributes to social interaction but also to the writing of various textual genres in the classroom with students. Thus, a bookbinding course was organized, aiming to teach the Portuguese language teacher of a high school class to craft a cardboard book. The intention was to use it as a pedagogical tool for the process of textual production, reading, and listening to the students' souls. Through action research, it was possible to provide training for the teacher to produce her book and use it in her class to strengthen work with genres in written form. For the analysis of the process, the text-in-the-classroom approach was employed, reflecting on it based on the contributions of Geraldi (1999), Antunes (2003), Marcuschi (2008), among others. The results indicate that teacher training engages professionals in socio-interactionist practices. The use of cardboard books enables a broad and rich exploration of language for the production of a variety of written textual genres in the classroom.

Keywords: Teacher training; Cartonero books; Textual genres; Language; Sociointeraction.

INTRODUÇÃO

Pensar a formação de professor é compreendê-la como um contínuo (Nóvoa, 1992), portanto, um direito inegável, necessário e capaz de contribuir com o processo de amadurecimento do(a) docente para o desenvolvimento de suas ações em sala de aula, com a finalidade de preparar o(a) educando(a) para os mais plurais fins. No que concerne à formação de professor(a) da área de linguagens, esse fim se movimenta em direção ao uso dos mais diversos gêneros textuais (escritos e orais) para os usos sociais

da linguagem numa perspectiva cidadã (Antunes, 2003).

Logo, formar professor(a) de língua portuguesa é uma necessidade imediata. Afinal, diante das necessidades sociocomunicativas dos(as) estudantes acerca do uso de diversos gêneros textuais escritos e orais, faz-se preciso preparar profissionais para atuarem e atenderem essas exigências em sala de aula, com a possibilidade de o texto fortalecer as interações sociais dos(as) educandos(as). Assim, Geraldi (1999) afirma que necessitamos de professores e de professoras de língua portuguesa centopeias, uma vez que estes permitem uma rica vivência com as práticas de linguagem assentadas na dimensão de língua enquanto interação.

Dito isso, procuramos assentar este artigo na discussão e na modalidade da língua escrita, uma vez que os(as) participantes do estudo foram a professora e seus estudantes do 1º ano do Ensino Médio, cujas práticas em torno do letramento em sala de aula operam-se para a produção do gênero textual escrito *redação escolar*, visto que a instituição em questão procura dinamizar as aulas de português voltadas à aprovação nos principais vestibulares de Pernambuco⁴.

4 Aqui cabe uma breve reflexão sobre os desafios do professor de Língua Portuguesa, que tem sua atuação profissional tolhida, muitas vezes, pelo sistema de ensino e pela dinâmica escolar que compreende o ensino de língua portuguesa numa dimensão tradicional. Conforme Bunzen (2006, p. 146), essa perspectiva de língua se insere na dimensão de linguagem como código sendo responsável pela consolidação do ensino de redação no Ensino Médio, a partir do Decreto Federal nº 79.298, de 24 de fevereiro de 1977. Destarte, é necessário salientar que o papel do professor de Português é para além de uma atividade de produção de um gênero escrito dissertativo-argumentativo, mas abrir-se ao universo plural dos gêneros textuais que procuram atender as necessidades dos seus produtores (Marcuschi, 2008).

Nesse sentido, no Ensino Médio, última etapa da escolarização básica, há um esforço inegável de professores/as em promover o trabalho com a escrita, com ênfase na elaboração da redação escolar, no intuito de aprovar os(as) estudantes nos vestibulares e no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio).

Diante disso, questionamos: de que maneira é possível preparar o(a) professor (a) de Língua Portuguesa para realizar um trabalho com a escrita de adolescentes em sala de aula para além do que propõem os manuais e as cartilhas de redação escolar, considerando a produção textual escrita numa dimensão mais ampla da linguagem, com uso dos diversos gêneros textuais escritos para o atendimento das necessidades sociocomunicativas dos(as) educandos(as)?

Em face a essa indagação, objetivamos preparar a professora de Língua Portuguesa para aprender a produzir artesanalmente o livro *cartonero*⁵ para usá-lo como mecanismo pedagógico para o processo de produção textual escrita e leitura/escuta da alma. Evidentemente, tivemos objetivos secundários que coadunaram as nossas perspectivas, a saber: refletir acerca da linguagem enquanto interação e recorrer aos livros cartoneros como suportes da escrita em sala de aula sob os diversos gêneros textuais.

⁵ O termo *cartonero* provém de um vocábulo espanhol – *cartón* – as *cartoneras* são coletivos de editores e artistas que congregam com o propósito de produzir literatura e livros através de papelão comprados aos catadores por um preço justo ou adquirindo-o do descarte desse material. Usou-se em itálico para reforçar a gênese e a origem do termo, porém, nas demais escritas da palavra não será mais destacada, uma vez que, no Brasil, o termo já foi assimilado de forma apropriada pelos coletivos e pessoas que recorrem aos livros cartoneros para os fins de produção literária ou de livros numa orientação contra hegemônica.

Por conseguinte, é imprescindível que o trabalho com a escrita em sala de aula permita o diálogo entre o(a) produtor(a) e sua realidade sociocultural, pois o(a) escrevente é um ser social, histórico e dialético. A escrita deve ser vista como um ato de liberdade da mudez imposta pela perspectiva de ensino que se concretiza de forma estanque e voltada para a elaboração e a valorização de um gênero tido como divisor de águas no Ensino Médio, a redação escolar. Consideramos essa visão limitadora de um trabalho que pode ser vasto com a linguagem, uma vez que ela é uma realidade heteróclita (Saussure, 2012), devendo ser aberta aos mais diversificados gêneros textuais escritos. Portanto, os cartoneros se prestam ao universo dos gêneros textuais escritos e colaboram para entender a língua como um processo sociointeracionista (Bakhtin, 2003), imerso na atividade social, veiculada a partir de gêneros textuais (Marcuschi, 2008).

Para a orientação do(a) leitor(a), apresentamos a estrutura deste manuscrito, o qual inicia com uma seção voltada para a discussão sobre as concepções de linguagem e o papel do(a) docente para o trabalho com a língua numa dimensão interacional; a segunda seção se vincula ao processo de formação do(a) professora(a) com a finalidade de desenvolver atividades com os gêneros textuais escritos em sala de aula; em continuidade, apresentamos as bases metodológicas que guiaram o estudo; após este momento, consideramos os nossos resultados e discussões sobre o processo de formação docente considerando a produção de gêneros textuais da modalidade escrita da língua e, por último, nossas considerações finais: inconclusivas.

1. AS CONCEPÇÕES DE LÍNGUA (GEM) E O PAPEL DOCENTE COM PARA O TRABALHO NUMA DIMENSÃO INTERACIONAL

A linguagem é vista hoje como uma prática social que, no fluxo temporal, sofreu já inúmeras concepções. De uma mudança paradigmática que visualiza a língua(gem) como código ao contexto de língua(gem) enquanto interação, percebemos que a língua(-gem) atravessa a vida dos sujeitos, configurando-se como singular e basilar na relação com o outro e com o mundo que o permite existir. Diante disso, autores como Bakhtin (1929), Benveniste (2005), Saussure (2012) e outros colocam-se à disposição para discuti-la como um fenômeno amplo em que o(a) professor(a) de língua portuguesa deve ter consciência de seu papel no tocante à compreensão da língua enquanto unidade de construção de sentido e enquanto prática de escrita que comporta o pensar, o sentir e o querer dos(as) produtores(as).

No que tange ao universo de sentidos, Orlandi (1999) considera que ela está entrelaçada ao discurso, portanto, não sendo inerente à língua ser neutra (Antunes, 2003), mas comporta visões de mundo dos(as) usuários(as) sendo marcada pela heterogeneidade e historicidade dos seres, permitindo divergir daquilo que Saussure (2012) afirmou em seu *Curso de linguística Geral*, formulado a partir das anotações de Charles Bally e Albert Séchehaye, no qual se defendia a língua(gem) enquanto código, uma estrutu-

ra fixa e, portanto, arbitrária (Saussure, 2012, p.24).

Benveniste (2005) contribui significativamente para o deslocamento da concepção de língua(gem), apresentado pelo criador do objeto epistemológico da linguística, pois o autor compreende a língua como uma realidade multifacetada e que precisa ser compreendida no dizer, no seu colorismo, por isso, não é estanque, mas aberta às possibilidades do (a) usuário (a) que recorre a ela para expressar-se, interagir e produzir sentidos.

A partir dessas reflexões é possível entender que a língua(gem) tem papel relevante na vida dos seres. Por isso, Petter (2015) afirma que através dela nomeamos, criamos, transformamos e permitimos as trocas de saberes, de experiências e das mais plurais ações. A língua(gem) possibilita o conhecimento de mundo, de pessoas e de nós mesmos. Trata-se de uma instância mediadora que nos conduz à tomada de consciência sobre a vida e sobretudo que nela se desenvolve, por isso Fiorin (2015, p. 08) afirma que ela nos acompanha em todos os momentos de nossa vida.

Diante dos processos inerentes à língua(gem), Geraldi (1984) considera que o processo de ensino que a envolve se encaminha por três dimensões. Qualquer uma das posições assumidas corresponde a um processo político e pedagógico daquele que tem a responsabilidade de usá-la para o ensino, em especial, o(a) professor(a) de Língua Portuguesa. Assim, consoante o autor, tem-se:

A linguagem é expressão do pensamento – essa concepção ilumina basicamente os estudos tradi-

cionais; **A linguagem é instrumento de comunicação** – essa concepção está ligada a teoria da comunicação e vê a língua como código (conjunto de signos que se combinam segundo regras) capaz de transmitir ao receptor uma mensagem; **A linguagem é uma forma de interação** mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como local de interação humana (Geraldi, 1984, p. 41, **grifo nosso**).

Notamos que para o professor ou a professora de Língua Portuguesa, na educação básica, há desafios contínuos, sobretudo quando se reflete na Produção Textual escrita em sala de aula com ênfase nos diversos gêneros. Afinal, o(a) docente deve possibilitar o diálogo com a existência dos(as) sujeitos(as), com atenção ao pensar, ao sentir e ao agir. Torna-se essencial que o(a) professor(a) desenvolva um trabalho com uma gama de gêneros textuais escritos, além da redação escolar, uma vez que a linguagem como forma de interação, exposta por Geraldi (1984), agrega, na sala de aula, a diversidade de textos escritos, cuja finalidade é a competência comunicativa, inclusive partindo da concepção do texto como um suporte da alma.

Geraldi (1999) afirma que o trabalho desenvolvido em torno e apenas com a redação escolar descaracteriza o(a) estudante como sujeito, impossibilita-o de usar a linguagem para interagir com os processos de subjetividade que medeiam sua relação homem-mundo. Logo, o(a) professor(a) de língua(gem) deve ir além de fórmulas e prescrições textuais de ordem dissertativa-argumentativa, mas contribuir para que os(as) sujeitos(as) tenham a chan-

ce de realizar atividades de letramentos com gêneros textuais escritos que atendam as mais triviais e específicas necessidades sociocomunicativas, permitindo compreender a língua(gem) como um espaço de interlocução, diálogo e de prática social. Dolz e Schneuwly (2004, p. 51) afirmam que o trabalho escolar, no domínio da produção da linguagem, faz-se sobre os gêneros, quer queiram ou não. Portanto, é preciso preparar os(as) docentes para assumirem uma postura política e pedagógica capaz de fortalecer as capacidades linguísticas do(a) estudante para o uso diversificado em situações em que o texto escrito é base para a interação.

2. A FORMAÇÃO DE PROFESSOR(A) PARA O TRABALHO COM OS GÊNEROS TEXTUAIS DA MODALIDADE ESCRITA EM SALA DE AULA

Quando se tecem considerações sobre o trabalho com os gêneros textuais escritos em sala de aula, considerando a diversidade textual, sempre são trazidos ao cerne da questão inúmeros fatores que colaboram para o impedimento de práticas de letramento amplas, heterogêneas e dialógicas, tais como: desconhecimento das diretrizes curriculares, a falta de estrutura adequada do espaço escolar, a ausência da família no acompanhamento das atividades escolares, a falta de recursos didáticos-pedagógicos e a questão do desinteresse do(a) educando(a) nas ações propostas.

No entanto, é importante também pensar na formação docente para o trabalho com a língua(gem), uma vez que as formações de professores(as) de Língua Portuguesa, na maioria das vezes, tratam dos aspectos organizacionais e estruturais de textos, carecendo ainda de reflexões sobre as relações do(a) estudante com a língua(gem) numa dimensão interacional e que contemple as suas necessidades sociocomunicativas.

A formação docente é um processo inacabado, atravessado pelas interações, pelos saberes e pelas didáticas que se modificam continuamente. O profissional da educação, situado na sala de aula, precisa estar aberto às propostas de intervenção que requerem reflexão e consciência de que o docente, indiscutivelmente, refaz-se nesse processo que deve ser garantido pelos sistemas de ensino, pelas gerências e incentivado pela comunidade escolar, com fim ao desenvolvimento pleno do(a) educando(a) e, no que concerne ao ensino, à apropriação e à utilização da língua, ao intercâmbio e à vivência com cidadania linguística.

Para Gatti (2010, p. 1370), a formação de professores é insuficiente, pelo grande desequilíbrio entre teorias e práticas, em favor apenas das teorizações mais abstratas. Desta forma, a docência exige aperfeiçoamento contínuo, porque os(as) professores(as) devem dialogar com saberes diversos e são desafiados(as) a estimular os(as) estudantes à interação social através dos saberes conquistados ao longo da vida e sistematizados na escola.

Assim, Tardif (2002) afirma que a docência é um ofício cujo aperfeiçoamento é um contínuo dialógico com a multiplicidade de sa-

beres e destaca os saberes da profissão que são plurais, compostos, heterogêneos e trazem à tona, no próprio fazer docente, conhecimentos e manifestações do *saber-fazer* e do *saber-ser*, provenientes das várias fontes. Por isso, o(a) profissional de Língua Portuguesa transita nos domínios da língua(gem) sendo preciso dialogar com processos formativos que o(a) permita desenvolver práticas com a língua numa perspectiva ampla em que os gêneros textuais escritos permitam a interação social dos usuários da língua no cotidiano (Köch, Boff e Marinello, 2014, p. 11).

Destacamos que a formação docente deve guiar o(a) profissional de ensino de português para uma prática de produção textual escrita em sala de aula não unilateral, mas se fundamentar numa relação dialógica, em que as vozes dos(as) produtores(as) encontrem espaço para se tornarem audíveis e se materializem. É importante tomar a folha como um suporte que não se manterá em branco, mas um suporte que comportará as visões, as percepções, o entendimento dos(as) autores(as) de suas escrituras em sala de aula, recorrendo aos mais diversos gêneros.

Logo, a formação de professores deverá assumir um compromisso que atenda às necessidades da realidade em que os(as) docentes fazem parte. Para Coimbra (2020, p. 04), ela não deve ser um modelo de importação de teorias e concepções, mas servir de base para, partindo da realidade local, cumprir uma função social. O(A) professor(a) de português, por exemplo, articula vários saberes, oriundos de fontes plurais, ou seja, da prática reflexiva, da teoria especializada, dos conteúdos, da militância política-pedagógica, possibilitando um amplo corpo de conhecimento capaz

de fortalecer a sua prática em sala de aula. Enfim, a formação envolve saberes científicos, educacionais e metodológicos para garantir um duplo aspecto: o fazer docente e o desenvolvimento pleno do(a) educando(a) para as práticas de seu cotidiano em que a língua(gem) seja mediadora.

3. METODOLOGIA

As bases metodológicas são de suma relevância para o desenvolvimento de qualquer estudo. De acordo com Minayo (1994, p. 22), a metodologia explicita as opções teóricas fundamentais e expõe as implicações do caminho escolhido para compreender determinada realidade e o homem em relação com ela.

Assim, optamos pelo método da pesquisa-ação, visto que se trata de uma metodologia baseada na ação prática. Para *Silva et al.*, (2021, p.21), "é uma concepção bastante utilizada em propostas formativas de professores por considerar que os docentes são pesquisadores da própria prática visando sua transformação, tanto da ação docente quanto do desenvolvimento profissional". Salientamos que, durante todo percurso, a pesquisa-ação promove aprendizagem e aprimoramento crítico-reflexivo, cooperando para a ampliação de olhares. No que diz respeito à abordagem, orientamos o estudo na pesquisa qualitativa. Gil (2008) afirma que estudos de abordagem qualitativa consideram, em suas análises, o estilo e a capacidade do pesquisador, além disso não desconsidera as percepções dos sujeitos partícipes. Portanto, colabora para a tomada de decisões conscientes e respeitando o aspecto social, histórico e cultural dos seres que se envolvem com a dinâ-

mica suscitada.

Tendo em vista a formação de professor(a) para o uso de livros cartoneros, tivemos como participante desse estudo uma professora de Língua Portuguesa que atua diretamente com turmas do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública, sendo esse o *locus* de intervenção, situada em Recife – PE. Foram realizadas visitas às aulas da participante, observações, além de acesso aos planos de aula. Após essa etapa, ofertamos um curso de cartonaria com a finalidade de ensinar a professora, sob o pseudônimo de Mikhaela, a confeccionar livros cartoneros para conduzir os(as) estudantes à produção de textos escritos para além da redação escolar. O curso foi ministrado pelo pesquisador Waldemar Cavalcante Lima Neto e apresentou a seguinte estrutura:

Quadro 01: Ementa do curso de Cartonaria⁶

CURSO	Produção de Livro Cartonero
Ministrante	Pesquisador
Cursista	Participante
Objetivo	Preparar professora de Língua Portuguesa para aprender a produzir artesanalmente o livro cartonero para usá-lo como mecanismo pedagógico para o processo de produção textual e leitura/escuta da alma.
Carga horária	20 CH

⁶ A intervenção ocorreu nos meses de abril e maio de 2022, tendo como fim a aprendizagem da confecção dos livros cartoneros. Ressalta-se que, após a aplicação do curso, foi realizada uma avaliação desta técnica sob o olhar da participante do estudo.

Local	<i>Locus</i> da pesquisa
Módulo 1: História da cartonaria.	Discutir a origem dos livros cartoneros.
Módulo 2: Noções de design gráfico.	Apresentar ao participante as noções básicas de design do livro cartonero.
Módulo 3: Técnicas básicas para o livro cartonero.	Expor as principais técnicas de corte do papelão à pintura dos suportes e/ou carimbagem dos suportes.
Módulo 4: Discussão dos gêneros escritos que podem comportar os cartoneros.	Análise dos gêneros textuais escritos possíveis com o trabalho dos suportes cartoneros.
Módulo 5: Montagem do cartonero.	Preparar o livro cartonero colocando em exercício as aprendizagens advindas com os módulos anteriores.
Módulo 6: Avaliação e discussão dos resultados do curso.	Permitir que a participante avalie o curso e coloque-se frente a todo o processo.
Módulo 7: Sugestão de uso do livro cartonero como mecanismo pedagógico para o processo de escuta/leitura da alma.	Sugestionar a produção de livros cartoneros como estratégia pedagógica para a produção textual escrita de múltiplos gêneros textuais escritos e produção de atividade que colabore com a perspectiva do estudo em questão ouvindo a participante da pesquisa quanto a seleção de gênero e suas ideias a respeito de todo o processo.

Fonte: o autor, 2022

Assim, é importante mencionarmos que a professora assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cooperando para o desenvolvimento da pesquisa, bem como o estudo foi submetido à Plataforma Brasil e ao Comitê de Ética da Universidade Federal Rural de Pernambuco, através do CAEE nº 5467721.6.0000.9547 e recebemos, após apresentar as contribuições do estudo, o parecer favorável sob nº 5.253.241.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A priori, é preciso apresentar dados significativos da participante deste estudo. Mikhaela é servidora estatutária da rede estadual de ensino de Pernambuco há cinco anos, possui formação inicial em letras português e inglês pela universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte, além de ser especialista em linguística aplicada ao ensino de língua portuguesa pela Faculdade Frassinete do Recife – FAFIRE.

Durante o processo de observação às aulas de Mikhaela, foi possível observar que nas suas três turmas, antes do curso de produção de cartoneros, a professora estava preocupada com as atividades que conduzissem os(as) educandos(as) à resolução de questões voltadas para o Sistema Seriado de Avaliação da Universidade de Pernambuco e o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM. A professora requeria leituras dos textos obrigatórios para os vestibulares, voltava a sua prática para a solução de exercícios com foco na gramática da língua portuguesa, e a atividade

textual escrita se alicerçava na elaboração de redação escolar. Diante disso, percebemos que houve um enfoque nos estudos da língua enquanto código, pois houve profunda preocupação com a norma culta, desconsiderando as reflexões de ordem linguística que se abrissem às variantes encontradas no português. Geraldi (1984) considera que a ausência de reflexões sobre a língua e a supremacia de uma concepção de linguagem enquanto código cooperaram para o fracasso escolar.

Imagem 01: Estudantes realizando atividade de redação escolar



Fonte: autor, 2022.

Bezerra (2010) propõe que o ensino de português deve favorecer o desenvolvimento da competência comunicativa dos(as) educandos(as) e, para isto, os textos escritos e orais sejam objetos de estudo (leitura, análise e produção). Mas, que estratégias devem ser nutridas para garantir uma prática de linguagem assentada numa dimensão holística e aberta à interação em que os textos escritos cooperem para a atuação linguística do sujeito estudante considerando a diversidade de gêneros dessa modalidade da língua?

A partir das observações das aulas de Mikhaela, percebemos como é necessária a formação de professores que considerem a multiplicidade de gêneros textuais escritos, com margem para a escuta das vozes dos educandos e das educandas. Assim, pensamos no curso de produção de livros cartoneros, com 20 H/A, formulado para fortalecer a prática de Mikhaela com fim à elaboração de gêneros textuais escritos, contemplando a realidade sociocultural de cada sujeito sob os cuidados da professora. É importante salientar que a realização do curso se deu em módulos: 1º História da Cartonaria; 2º Noções de design gráfico; 3º Técnicas básicas para o livro cartonero, 4º Discussão dos gêneros escritos que podem comportar os cartoneros. 5º Montagem do Cartonero, 6º Avaliação e discussão dos resultados do curso e 7º sugestão do uso do livro cartonero como mecanismo pedagógico para o processo de escuta/leitura da alma.

Para Pimenta (1997), o(a) professor(a) deve ter sua formação ancorada na perspectiva de articulação de saberes, ou seja, um diálogo que se fundamenta nos saberes, na didática e na experiência. No que tange à formação de professor de língua portuguesa, ela deve proporcionar práticas de linguagem sob os “novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimodais, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir” (Brasil, 2018, p. 68-69).

Compreendemos que os livros cartoneros agregam todas essas possibilidades. Logo, o 1º módulo versou sobre a historiografia desse suporte. Conforme Lima Neto (2022), os livros surgiram na Argentina, tendo como matéria prima o papelão. Diante disso, Mi-

khaela pode refletir acerca de uma prática que permite não apenas a elaboração de textos escritos, mas também colabora com os aspectos socioambientais, abrindo espaço para a escuta das vozes dos(as) educandos(as), tornando suas vozes audíveis. Carneiro e Rocha (2019) afirmam que os cartoneros dão voz a todas as pessoas, sejam escritoras, poetas, artistas, educadores, trabalhadores da reciclagem ou anônimas.

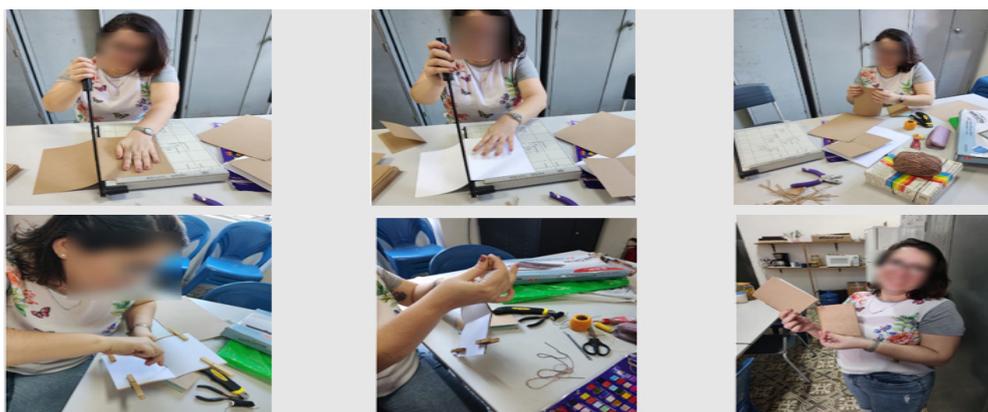
O 2º módulo se consolidou para ensinar a Mikhaela as noções de *design gráfico*. Para Lobo (2019), esses livros são feitos de capa de papelão, comportando criatividade, beleza e autonomia nos processos de feitura. O 3º módulo apresentou *as técnicas básicas para a produção*, no qual foram ensinados como se corta o papelão, o papel da criatividade, da imaginação criadora e da pintura dos suportes. Para Almeida (2019), isso permite aos livros artesanais um caráter de unicidade em cada exemplar produzido, tornando-os diferentes uns dos outros.

O 4º módulo *Discussão dos gêneros escritos que podem comportar os cartoneros* esclareceu que os livros podem ser uma possibilidade de incentivar a produção escrita com textos que se abram ao processo criativo dos(as) estudantes sendo capazes de permitir a interação dos(as) educandos(as). A respeito disso, Antunes (2003, p. 45) considera que a atividade escrita expressa ideias, informações, intenções, crenças, sentimentos que desejamos partilhar com alguém e permite a interação. Como resultado da discussão, Mikhaela afirmou que o livro cartonero poderia conter os gêneros conto, poema, carta, diário, biografia, tira, charge e a própria redação escolar. No 5º módulo, *Montagem do cartonero*,

Mikhaela produziu o seu livro recorrendo às informações até o presente momento estudadas. Para a capa do livro, optamos, em virtude da pandemia, pela técnica de carimbagem e foi desenvolvida o selo cartonero denominado Doralina⁷.

Foi possível observar e registrar a satisfação de Mikhaela na construção de um material a partir de elementos recicláveis e compreender que o trabalho desta natureza não apenas fortalece a linguagem, como também promove descontração, união e entretenimento. Como pode ser observado nas imagens seguintes:

Imagem 02: mozaico de produção de cartonero.



Fonte: o autor, 2022.

O 6º módulo foi o de *avaliação*. Nele foi possível utilizar um questionário com perguntas em que Mikhaela poderia se posicionar frente a vivência da formação. Como resultado desse módulo, obtivemos o julgamento da professora participante que considerou a produção de livros cartoneros uma prática dialógica que com-

⁷ Trata-se da união de dois nomes Doralice (avó do pesquisador) e Severina (mãe do pesquisador). O nome foi sugerido pela participante devido os momentos de troca e de interação entre o pesquisador e participante. É importante ressaltar, mais uma vez, o papel significativo da pesquisa qualitativa sob o método da pesquisa-ação que promove e estimula o desenvolvimento de laços sem que isso retire o rigor de um estudo científico da linguagem.

preende a produção textual diversificada escrita, bem como contribui para dinamizar as atividades com o texto escrito em sala de aula. Já o 7º módulo tratou de incentivar a professora Mikhaela a fazer uso dos *livros cartoneros como mecanismo pedagógico para o processo de escuta/leitura da alma*. Dessa forma, foi possível a professora desenvolver estratégia para ensinar a produção de textos escritos em sala de aula sob múltiplos gêneros, com a perspectiva de recorrer ao uso social da língua, atendendo as necessidades sociocomunicativas dos educandos.

Mikhaela estabeleceu uma sequência de estudo que envolveu os seguintes passos: 1, a discussão através de seminário sobre os gêneros textuais escritos; 2, a de resolução de atividade, sob os múltiplos gêneros textuais, voltada ao debate, sistematização das ideias e, por fim, a produção escrita; 3, a confecção de livros *cartoneros* com os(as) adolescentes, os quais contêm as produções dos estudantes sob os múltiplos gêneros textuais escritos. Para Zabala (1998), essa sequência trata de um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para alcance de objetivos educacionais que têm princípio e fim conhecidos pelos professores e educandos.

Diante do processo de formação da professora para o uso dos livros *cartoneros*, observamos que as práticas que compreendem a língua(gem), enquanto um fenômeno de interação, trazem maior envolvimento dos(as) educandos(as) em relação à elaboração de textos escritos sob os diversos gêneros textuais. Além disso, permite que o(a) professor(a) alcance resultados singulares no exercício de sua profissão, uma vez que ele se coloca como um ser

ativo, comprometido com o fazer linguístico e, enquanto pessoa responsável pela mediação dos saberes em sala de aula e fomentador das práticas interativas realizadas.

Embora não tenha sido objetivo deste trabalho discutir os textos encontrados no livro cartonero produzido por estudantes sob mediação de Mikhaela, apresentamos um quadro dos gêneros produzidos nas três turmas sob orientação de uma professora que se colocou à disposição da mudança de mentalidade, de procedimentos e de concepções de língua(gem) em sala de aula. No quadro, é possível perceber os gêneros escolhidos pelos(as) seus(suas) estudantes.

Quadro 2: Gêneros produzidos em G01, G02, G03 escolhidos pelos (as) estudantes

Gêneros textuais escritos	G 01	G 02	G 03
Poema	x	x	x
Tira	x		x
História em Quadrinho	x		
Carta		x	
Comentário	x	x	x
Artigo de opinião		x	
Redação escolar	x	x	x
Miniconto			x
Anúncio publicitário	x		

Fonte: os autores, 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Até chegar-se ao resultado do quadro 2, que finaliza a seção dos resultados e discussões, foi necessária uma tomada consciente, crítica e reflexiva sobre o trabalho com a produção textual escrita na sala de aula sob a multiplicidade de gêneros, atendendo às precisas e contínuas necessidades sociocomunicativas dos(as) estudantes.

Contudo, nada disso seria possível sem o fazer docente assentado numa dimensão em que a língua seja entendida e fortalecida por práticas pautadas na sociointeração. Por conseguinte, a formação do(a) professor(a) de língua portuguesa deve considerar o trabalho com a escrita numa dimensão da linguagem enquanto interação, a qual reconhece a historicidade, os saberes provenientes das experiências dos(as) sujeitos(as) educacionais, em especial, do(a) estudante e se presta a uma prática não mecânica, não instrumental, não periférica de língua, mas se abre ao universo amplo, vasto e heteróclito da linguagem que tem por fim acompanhar o ser em todas as etapas de sua vivência.

Assim, o trabalho com a linguagem, na sala de aula de língua portuguesa, deve ser entendido como um processo de renovação em que se consideram o pensar, o sentir, o querer, o agir daqueles(as) que, através de suas relações, ampliam seus olhares e promovem práticas de letramento com a escrita cheia de sentidos, carregada de subjetividade, permitindo vir à tona ora nas entrelinhas, ora nas próprias linhas das produções textuais escritas suas intencionali-

dades, suas ideias, seus valores, seus desejos, seus sonhos, seus medos, suas frustrações etc., tornando o exercício da língua(gem) uma ação inesgotável de possibilidades. Notamos que, para isso ocorrer, é necessário que o(a) professor(a) assuma uma postura e orientação política-pedagógica em ensinar língua(gem) como uma prática não redutora (vinculada à língua enquanto código), mas aberta a visão sociointeracionista (a língua enquanto interação) para que assim a prática textual escrita na sala de aula se converta em diversidade.

Formar a professora para uso dos livros cartoneros pareceu-nos uma decisão apropriada, uma vez que os livros artesanais servem como suportes para abrigar as produções escritas dos(as) estudantes elaboradas em sala de aula sob os cuidados intencionais da professora. Além disso, faz-se necessário salientar que estes suportes sem fins lucrativos e usando material reciclados visa à criação de um produto não capitalista de edição, mas também se colocam frente ao processo de criação de leitores(as) e de produtores(as) de material cultural escrito: numa curiosa relação entre a ação de escrever e o que seria apenas lixo (papelão).

Por fim, mais uma vez evocando Nóvoa (1992), a formação de professores além de se configurar como um momento chave da socialização e da configuração profissional é, portanto, um direito inegável seja no início, seja ao longo da jornada laboral continuada.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem** (1929). 5. Ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de Língua Portuguesa e contextos teórico- metodológicos. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachael; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Organizadoras). **Gêneros textuais e ensino** – São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 39-49.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Disponível em: www.basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 04 jul.2020.

BUNZEN, Clécio. Da era da composição à era dos gêneros: o ensino de produção de texto no ensino médio. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Mércia (Orgs.); Angela B. Kleiman (et al.) **Português no Ensino Médio e Formação do Professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

CARNEIRO, Daniele; ROCHA, Juliano. **Sobre livros cartoneros: experiências em publicação de livros de papelão**. Curitiba: Magnolia Cartonera, 2019.

COIMBRA, Camila Lima. Os modelos de formação de professores/as da educação básica: quem formamos? **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 1, e91731, 2020.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros e progressão em expressão oral e escrita** – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. e colaboradores. Gêneros orais e escritos na escola. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

FIORIN, José Luiz (Org.). **Linguística? O que é isso?** 1. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015.

GATTI, Bernadete A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n.113, p. 1335-1379, out. – dez, 2010. Disponível em: www.cedes.unicamp.br

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de Português. In: GERALDI, João. Wanderley. **O texto na sala de aula: leitura e produção**. 2 ed. Cascavel: ASSOESTE, 1984.

GERALDI, João Wanderley. et al. (orgs.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social / Antônio Carlos Gil**. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

KÖCH, Vanilda Salton; Boff, Odete Maria Benetti; MARINELLO, Adiane Fogali. **Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e expor**. 6.ed. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

LIMA NETO, Waldemar Cavalcante de. **Livros cartoneros:** uma estratégia pedagógica de enfrentamento ao bullying escolar. [recurso digital] / Waldemar Cavalcante de Lima Neto. Maceió, AL: Editora Olyver, 2022.

LOBO, Andréa Carneiro (2019). Prefácio. In: ALMEIDA, Marcelo Henrique Barbosa de. **O que são esses livros com capas de papelão?:** aspectos da história dos livros cartoneros - 2003-2018. João Pessoa: Marca de Fantasia. p. 5-6.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais:** o que são e como se constituem. Recife: UFPE, Mimeo, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento.** São Paulo/Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1994.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação.** Tradução de Graça Cunha, Cândida Hespanha e Conceição Afonso. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

ORLANDI, Enni Puccinelli. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

SAUSSURE, Fernand de. **Curso de Linguística Geral**/Ferdinand de Saussure; organização Charles Bally e Albert Sechechae; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio à edição brasileira de: Isaac Nicolau Salum; [Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein]. – 28.ed. – São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Anair Araújo de Freitas; OLIVEIRA, Guilher Saramago de; ATAÍDES, Fernanda Barros. **Pesquisa-ação:** princípios e fundamentos. Revista Prima, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 2-15, 2021.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional /**

Maurice Tardif. 12. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa:** como ensinar. Tradução: Ernani F. da Silva. Porto Alegre: Artmed, 1998.

CAPÍTULO 2

MANUSCRITOS CULINÁRIOS DE EVELINA TORRES SOARES RI- BEIRO: UMA INTERFACE ENTRE A SOCIOLINGUÍSTICA E A TRA- DIÇÃO DISCURSIVA

LUZ, Ladjane Valéria Félix de Lima
Universidade Federal Rural de Pernambuco
ladjane.valeria@hotmail.com

PAIM, Marcela Moura Torres
Universidade Federal Rural de Pernambuco
marcela.paim@ufrpe.br

RESUMO:

Os manuscritos culinários têm fomentado o interesse dos pesquisadores, seja pela potencialidade de análises no âmbito textual ou para a construção de novos estudos históricos sobre novas formulações linguísticas, culturais e sociais. Diante disso, nesta pesquisa, analisamos manuscritos culinários de Evelina Torres Soares Ribeiro, esposa de Joaquim Nabuco, escrito no início do século XX, receitas dos séculos XIX e XX. Essa pesquisa tem por objetivo investigar como dialogam a Tradição Discursiva e a Sociolinguística Variacionista, nas receitas culinárias dos séculos XIX, XX e receitas atuais, através de um estudo diacrônico, além de, apresentar um breve perfil social da escrevente e um recor-

te do acervo documental inédito dos manuscritos culinários para a comunidade acadêmica. O suporte teórico está fundamentado nos estudos desenvolvidos por Coseriu (1980), Kabatek (2006), na perspectiva da Tradição Discursiva (TD), e Longuin (2014), para composicionalidade do texto, para a Sociolinguística, Labov (1994) e Paim (2019). No que se refere aos aspectos metodológicos, as análises são feitas, na perspectiva diacrônica, refletindo sobre linguístico-textual, social e cultural. Os resultados preliminares apontam que, apesar de haver estudos acerca da Sociolinguística e Tradição Discursiva, existe uma carência em relação aos estudos voltados para a interface dessas conjecturas nos manuscritos culinários/ receitas culinárias, os quais são fontes riquíssimas para conhecermos a história social e textual.

Palavras-chave: Manuscrito Culinários, Sociolinguística Variacionista, Tradição Discursiva.

Abstract: Culinary manuscripts have fostered the interest of researchers, whether due to the potential for analysis in the textual scope or for the construction of new historical studies on new linguistic, cultural and social formulations. Therefore, in this research, we analyzed culinary manuscripts by Evelina Torres Soares Ribeiro, wife of Joaquim Nabuco, written at the beginning of the 20th century, recipes from the 19th and 20th centuries. This research aims to investigate how Discursive Tradition and Variationist Sociolinguistics interact, in culinary recipes from the 19th and 20th centuries and current recipes, through a diachronic study, in addition to presenting a brief social profile of the writer and an excerpt from the documentary collection. Unpublished culinary manuscripts for the academic community. The theoretical support is based on studies developed by Coseriu (1980), Kabatek (2006), from the perspective of Discursive Tradition (DT), and Longuin (2014), for compositionality of the text, for Sociolinguistics, Labov (1994) and Paim (2019). Regarding methodological aspects, the analyzes are carried out from a diachronic perspective, reflecting on linguistic-tex-

tual, social and cultural aspects. Preliminary results indicate that, despite there being studies on Sociolinguistics and Discursive Tradition. There is a lack of studies focused on the interface of these conjectures in culinary manuscripts/cooking recipes, which are very rich sources for understanding social and linguistic-textual history.

Keywords: Culinary Manuscripts, Variationist Sociolinguistics, Discursive Tradition.

INTRODUÇÃO

Os manuscritos culinários estão repletos de heranças históricas, sociais e culturais, assim fomentado o interesse dos pesquisadores, seja pela potencialidade de análise no âmbito textual ou para a construção de novos estudos históricos sobre novas formulações linguísticas. Diante disso, os manuscritos culinários ou receitas culinárias permitem ir além da preparação de alimentos, pois são fontes históricas que possibilitam uma investigação linguística, textual, estrutural e social, e evidenciando memórias, identidades e segredos. Conforme o levantamento bibliográfico realizado em alguns trabalhos acadêmicos, observamos o reduzido número de pesquisas voltadas ao estudo da variação diacrônica nos manuscritos culinários com um olhar para ações do imperativo.

Neste artigo, apresento uma pequena parte da minha pesquisa de mestrado que tem como principal fonte documental os manuscritos culinários de Evelina Torres Soares Ribeiro, que não possuem uma estrutura bipartida igualmente nas receitas culinárias atuais. São um total de 430 manuscritos referentes ao século XX, sendo 387 manuscritos em português, 42 em francês e 1 em inglês.

As heranças e influências, perceptíveis nas receitas, também remetem a história social. Elas são fontes de enormes contribuições para compreendermos fatores relativos à história da sociedade, aos hábitos alimentares, às mudanças linguísticas, os utensílios que eram utilizados na cozinha, os alimentos eram mais consumidos e o modo de servir. (Longhin, 2014, p.78)

Diante disso, essa pesquisa tem por objetivo investigar como dialogam a Tradição Discursiva e a Sociolinguística Variacionista nos manuscritos culinários de Evelina Torres Soares Ribeiro referentes ao século XX, receitas culinárias dos séculos XIX, e XXI, além de apresentar um breve perfil social da escrevente. Este trabalho está sistematizado da seguinte forma: introdução, em seguida apresentamos um breve perfil social da escrevente, logo após fazemos uma revisão teórica da Tradição Discursiva, e posteriormente sobre Sociolinguística Variacionista, essa revisão norteia nossa análise, depois disso, apresentamos o procedimento metodológico nas culinárias referentes aos séculos XIX, XX e XXI do Português brasileiro e, por fim, apresentamos as considerações finais.

1. BREVE PERFIL DA ESCREVENTE EVELINA TORRES SOARES RIBEIRO

Evelina Filha de José Antônio Soares Ribeiro, Barão de Inoã, e Maria Carolina Soares Torres, filha do Barão de Itambi, Evelina nasceu em Paris, no dia 01 de dezembro de 1865. Casaram-se no dia 23 de abril de 1889, na capela do Barão do Caltele, em Botafogo,

às 11:00h da manhã. O casal pertencia à elite econômica, política, intelectual e teve cinco filhos. Mulher letrada dominava vários idiomas, como português, inglês, e tinha a língua francesa como segunda língua materna. Evelina também iniciou a alfabetização dos seus filhos tanto na língua portuguesa quanto francesa. Algumas vezes, ela não acompanhava Joaquim Nabuco em suas viagens, com isso, ela se encarregava de informá-lo sobre tudo que acontecia tanto os assuntos familiares quanto os acontecimentos sociais e políticos. Através dos jornais que lia, e os enviava pelos correios, a fim de manter Joaquim Nabuco informado em qualquer país em que ele estivesse. Percebemos, assim, que Evelina era uma mulher bem informada acerca dos acontecimentos gerais, não se voltando apenas às questões do lar.

2. CONCEPÇÕES SOBRE AS TEORIAS DA TRADIÇÃO DISCURSIVA

Os estudos sobre a Tradições Discursivas surgiram na década de 80 do século XX, no seio da Pragmática Alemã, especificamente dentro da linguística românica a partir dos estudos de Eugênio Coseriu. O autor ressalta que a linguagem é uma atividade universal que se realiza individualmente, segundo técnicas historicamente determinadas, Coseriu apresenta um esquema inicial, os três níveis do falar a partir dos quais toda atividade linguística se realiza:

1- O nível Universal: refere-se ao falar em geral é a capacidade inata a todos de comunicar-se por meio de signos linguísticos é o conhecimento sistemático da língua. Este nível abarca o conjunto das oposições fundamentais de cada língua.

2- O nível Histórico: o modo de falar de uma comunidade são as formas historicamente dadas, atualizadas das línguas particulares.

3- O nível Particular/individual: discursos ou textos, ato de fala do indivíduo em uma situação concreta.

O sistema é um conjunto de oposições funcionais; a norma é a realização coletiva do sistema que contém o próprio sistema e, ademais, os elementos funcionalmente não-pertinentes, mas normais no falar de uma comunidade; o falar é a realização individual-concreta da norma que contém a própria norma e, ademais, a originalidade expressiva dos falantes. (Cosieriu ,1979, p.74).

Diante disso, os três níveis não atuam de forma isolada, mas numa relação de interdependência. Essa visão desses três níveis da língua proposta por Cosieriu foi bastante relevante para os estudos linguísticos, uma vez que proporcionou a possibilidade de trazer-mos para as análises linguísticas, principalmente para os estudos sobre a mudança linguística. O autor compreende a língua como um processo histórico. Assim o conceito de Tradição Discursiva surgiu a partir do nível histórico proposto por Cosieriu.

A distinção entre norma e sistema esclarece melhor o funcionamento da linguagem, a atividade linguística, que é, ao mesmo tempo, criação e repetição (re-criação), dentro do padrão e

segundo as coordenadas do sistema funcional (isto é, do que é imprescindível para que a linguagem cumpra sua função); movimento obrigado e movimento livre, dentro das possibilidades oferecidas pelo sistema. (Coseriu, 1979, p. 79).

Prosseguindo ao conceito de Tradição Discursiva (TD), proposto por Coseriu, Koch e Oesterreicher (1997) propuseram uma divisão no nível histórico, dividindo em nível língua histórica e Tradição Discursiva.

A história das línguas já era objeto de reflexão, desde o século XIX, sobretudo, com comparatista e depois com os neogramáticos, enquanto a história dos textos já produzidos numa comunidade ainda permaneciam inéditas. Visando as duas grandezas históricas, língua e texto Koch (1997) e Oesterreicher (1997) reavaliaram os três níveis de atividade linguística que fundamentaram a concepção de linguagem coseriana - o universal, o histórico e o individual. (Longhin, 2014, p.16)

Segundo Koch, essa subdivisão está diretamente relacionada ao nível histórico introduziu no esquema o domínio das tradições discursivas, que pertencem ao nível histórico, mas que se distingue claramente das línguas históricas particulares. Na esfera das línguas históricas, estão o sistema e a norma. Segundo Longuin,

O sistema equivale ao conjunto de possibilidades léxico-gramaticais de uma língua, ao passo que a norma abrange as possibilidades do sistema que são efetivamente usadas. Trata-se de uma distinção entre o que é funcionalmente possível (sistema) e o que é tradicionalmente realizado (norma). No nível da língua histórica, residem também as variedades linguísticas, mais prestigiadas e menos, verificáveis dos pontos de vista geográfico (variação diaatópica), social (variação diafásica) e estilístico (variação diastrática). (Longuin, 2014, p.18).

Desta forma, os estudos a respeito da Tradição Discursiva começaram a serem estabelecidos também no Brasil por volta do ano 2000, através do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB), além de trabalhos como de Gomes (2006), Mattos e Silva (2008), (Gomes; Zavam,2018) entre outros. Com isso, segundo Zavam:

As tradições discursivas são, nesse sentido, formas textuais que são evocadas e que se repetem, e nesse processo contínuo de evocação e repetição, ora conservam elementos linguísticos e/ou discursivos (traços de permanência), ora apresentam inovações (vestígios de mudança). ((Zavam, 2009, p.3).

Portanto, diante da explanação sobre o surgimento da Tradição Discursiva e das reiteraões apresentadas por Kock e Oesterrreicher, a partir dos níveis da concepção da fala, Kabatek (2006) apresenta uma síntese que define as concepções da Tradição Discursiva.

Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação u elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados" (Kabatek, 2006, p.512).

2.1 CONCEPÇÕES SOBRE A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

William Labov publica, em 1972, *Padrões Sociolinguísticos/Sociolinguistic Patterns*, apresentando uma nova proposta teórica e metodológica para o estudo da linguagem através da Sociolinguística Variacionista. A Sociolinguística Variacionista, conhecida também como a teoria da variação, estuda as variações da língua em uso na comunidade de fala. Tal estudo trata a língua como produção social que pertence a todos os indivíduos de uma comunidade.

Labov trouxe a tona a complexa relação do fenômeno, diacrônico, com o sincrônico: a variação linguística, o uso de um elemento linguístico no lugar de outro, de forma, essa troca de elemento não implique na mudança de seu significado. O termo que possui várias expressões constitui uma variável linguística e cada uma das expressões representa uma variável que se denomina variante linguística. Segundo o autor, as línguas mudam porque variam, assim, essa proposta metodológica e teórica do autor surge em contraste aos modelos teóricos apresentados por Saussure e Chomsky. Labov ressalta que as línguas mudam porque existem falantes, vivendo em sociedades complexas, hierárquica, com isso, essa sociedade se modifica, assim como as línguas. Dessa forma, é impossível desvincular os fatos da linguagem dos fatos sociais.

Através dos estudos realizados por Labov foram desenvolvidos vários estudos direcionados para a língua no seu contexto social. As pesquisas na área da Sociolinguística Variacionista iniciaram no Brasil, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na década de 1970, através do pesquisador Anthony Naro. Com isso, as linhas de pesquisa que se ocupam da descrição de fenômenos variáveis no português do Brasil (PB) se multiplicaram, espalhando-se pelas diferentes regiões do país. No que tange à relação entre a língua e o indivíduo falante, é importante ressaltar a discussão segundo Calvet (2002, p.12): "as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes".

Com relação aos estudos das variações no Brasil, evidenciam os projetos como Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, Variação Linguística na Região Sul do Brasil - VARSUL, Atlas Linguístico Sonoro do Pará - ALISPA, o Atlas Linguístico de Sergipe II-ALS II, entre outros projetos. Desse modo, além do enfoque espacial, característico dos estudos dialetais, variações diastráticas, diageracionais, diagenéricas e diafásicas também passam a ser consideradas no tratamento dos dados linguísticos. Labov (2008) assevera que, em todos os níveis da língua, ocorre variação, seja fonético-fonológica, morfológica, sintática, semântica, lexical, estilístico-pragmática, mas registra que essa variação não é fortuita e sujeita ao caos, mas organizada e condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos.

É importante ressaltar que a escrita e fala são dois modos a partir do qual é possível se expressar por meio do idioma, com isso,

é importante registrar que, mesmo com foco na fala, a Sociolinguística Variacionista não exclui a escrita de suas possibilidades de análise, visto que nela a variação também pode se manifestar. Portanto, a sociolinguística analisa as variações de uma língua, entretanto, ela não se restringe apenas em demonstrar essas variações existentes na língua. É necessário que ela sirva também de ferramenta de intervenção contra qualquer forma de preconceito, de forma consciente ou inconsciente, por meio do uso da linguagem.

Assim, o contexto social vai condicionar o falante, que poderá fazer o uso da variedade formal ou informal, dependendo do local e das escolhas dele no momento de produção da fala.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS NAS RECEITAS CULINÁRIAS REFERENTE AOS SÉCULOS XIX, XX E XXI

Para essa análise bibliográfica e diacrônica, examinados 20 receitas do século XIX, retidas do Livro de receitas culinárias: O cozinheiro Imperial de 1840, igualmente 20 receitas culinárias do século XX, pertencentes a Evelina Torres Soares Ribeiro, e 20 receitas culinárias do século XXI. Diante disso, para esta pesquisa, observamos as permanências e mudanças nas receitas culi-

nárias durante esses séculos. Para discussão, apoiemo-nos em Paim (2019) que explica:

Variação diacrônica ou histórica é a que designa as diversas manifestações de uma língua através dos tempos. É evidente que as mudanças que ocorrem nunca são repentinas, não se dão em saltos bruscos. Há geralmente um período de transição, onde é possível encontrar variação sincrônica entre duas ou mais formas concorrentes, acabando uma delas por prevalecer. Assim, a substituição de uma forma por outra é progressiva e nem sempre sistemática. Esse tipo de variação é estudada pela Linguística Histórica. (Paim, 2019, p. 69).

Com isso, nessa seção, priorizamos iniciar com as receitas do século XX, que são os manuscritos culinários de Evelina Torres Soares Ribeiro, visto que eles são os documentos essenciais para esse trabalho. Todos os manuscritos culinários foram escritos por Evelina. Em relação à estrutura dos manuscritos, podemos observar que a organização estrutural mostra-se de forma diferente das receitas que encontramos atualmente, nos livros de receita e nos sites de gastronomia.

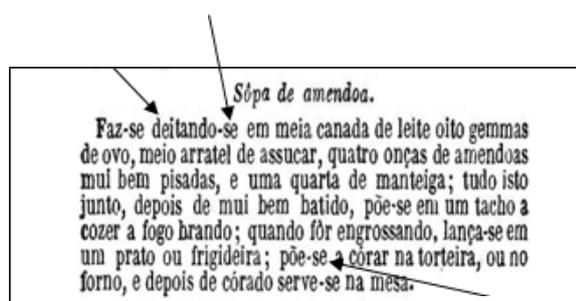


Imagem 1: Livro Cozinheiro Imperiral

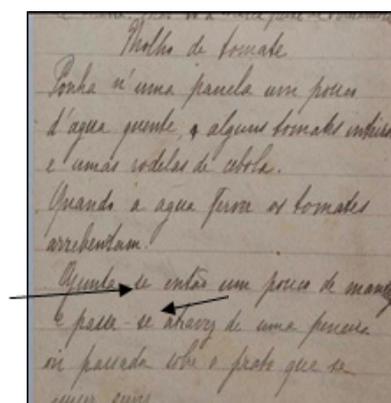


Imagem 2: Manuscrito culininario de Evelina

No que diz respeito à estrutura das receitas culinárias, a imagem (1) retirada do livro *O Cozinheiro Imperial* referente ao século XIX, podemos observar que, entre os manuscritos de Evelina e as receitas do livro ainda existem características de permanência estrutural, não há bipartição entre os ingredientes e o modo de fazer. Longhin (2014) afirma que a análise das receitas antigas sugere que a verticalização da lista, a hierarquização dos ingredientes, traço fundamental da receita atual, é uma construção mais tardia. Abrahão também afirma:

Essa característica de não haver separação entre os ingredientes e a instrução sobre a maneira de fazer o prato parece ser uma formatação dos livros de receitas da época. Assim, essa forma de escrita foi perdendo o estilo a partir do século XX, quando os cozinheiros buscavam proporcionar o preparo do alimento mesmo para aquelas pessoas que não sabiam cozinhar, tornando a receita mais prática e impessoal. (Abrahão, 2014, p.51).

Analisando diacronicamente as receitas culinárias referente ao século XXI, observamos a evolução desse gênero textual. Nas receitas atuais, há traços de mudanças, tanto na estrutura desse gênero textual quanto no aspecto linguístico. Referente ao traço estrutural, nas estruturas dos séculos XIX e XX, as receitas culinárias não são bipartidas, há mescla entre os ingredientes e modo de fazer. Quanto as receitas culinárias atuais a estrutura é bipartida, separando os ingredientes e modo de fazer, além de haver imagem referente à receita culinária que será preparada.

	<p>Ingredientes</p> <p>Massa</p> <ul style="list-style-type: none"> - 350 mililitros de vinho moscatel - 250 gramas de frutas cristalizadas - 250 gramas de passas - 230 gramas de ameixa em calda sem caroço picadas - 250 gramas de farinha de trigo - 250 gramas de manteiga - 250 gramas de açúcar - 2 ovos - 1 xícara de achocolatado em pó - 50 gramas de castanha-de-caju picadas - 50 gramas de nozes picadas - 1 colher de sopa de fermento em pó 	<p>Modo de Preparo</p> <p>Massa</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 Comece colocando as frutas secas e as ameixas numa tigela. Adicione o vinho moscatel e deixe hidratando por 24 horas. 2 Coloque as frutas já hidratadas no processador com o calda delas e bata até obter uma pastinha. Coloque numa vasilha e reserve. 3 Bata a manteiga e o açúcar na batedeira obter uma mistura homogênea. Na sequência, adicione os ovos e siga batendo. Pare a batedeira, adicione as frutas que estavam na vasilha e volte a bater. 4 Adicione então a farinha, o achocolatado, as nozes e castanhas. Por último, adicione o fermento. 5 Unte a assadeira com manteiga e polvilhe com o achocolatado. Coloque a massa do bolo na assadeira e leve para assar por aproximadamente 1 hora em forno já preaquecido a 180 graus.
-----------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Imagem 3: Bolo de noiva Pernambucano - retirada do site/ receitas.globo

No que tange aos elementos linguísticos, observamos que embora tenha traços de mudanças linguísticas, o verbo no imperativo, característico desse gênero textual, permanece. Segundo Kabatek (2006), tradição discursiva é a repetição de um texto ou forma textual ou de maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio. As receitas culinárias dos séculos XIX e XX no traço linguístico há presença do pronome átono SE, porém, nas receitas atuais, em geral, não existe a presença desse traço linguísticos, após o verbo. Segundo Scherre:

Os registros históricos, repetimos, só havia formas imperativas afirmativas próprias para as segundas pessoas do discurso (tu e vós) em estruturas afirmativas. As demais pessoas do discurso, bem como o imperativo negativo, lançavam mão de formas do subjuntivo ou do infinitivo, denominadas supletivas ou auxiliares. No caso do português brasileiro, é novamente interessante observar a semelhança entre as formas imperativas auxiliares ou supletivas e as formas do subjuntivo latino. (Scherre, 2007, p.199).

Observamos outros traços de mudanças linguísticas em relação à escrita de algumas palavras. Tendo como exemplo a palavra *açúcar*, que era escrita com dos SS (assucar), *gema* com dois MM

(*gemma*), *galinha com 2 LL* (gallinha), entre outras palavras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, ao longo desse artigo, analisamos 60 receitas culinárias dos séculos XIX, XX e XXI, realizando uma interface entre a Tradição Discursiva (TD) e a Sociolinguística Variacionista. Através de uma análise bibliográfica, observamos que há um reduzido número de pesquisas voltadas ao estudo da variação diacrônica no que tange ao gênero textual receita culinária, assim como uma interface entre Tradição Discursiva e a Sociolinguística Variacionista, com um olhar para ações do imperativo nos manuscritos culinários/receitas culinárias. Diante disso, é de suma importância pesquisar esse gênero textual, que nos apresenta mais do que preparar um alimento, revelando aspectos econômicos, sociais, culturais, linguísticos da época em que foram produzidos.

Assim, devido à escassez, sobre essa temática, há uma necessidade de mais investigação das receitas culinárias. Enfatizando várias particularidades que o gênero receita culinária propicia para a comunidade acadêmica. Encaminhando o pesquisador a desbravar através das receitas culinárias um percurso evolutivo tanto linguístico quanto social, portanto, assim como a sociedade evolui, a língua, o texto também acompanham essa evolução. Com disso, percebemos a relevância no estudo entre a Tradição discursiva e a Sociolinguística Variacionista para o estudo desse gênero textual.

Em vista disso, daremos continuidade à análise e aprofundaremos a investigação dos manuscritos/receitas culinárias, além de traçar o perfil social de Evelina, a fim de contribuir com outros estudos nessa área de conhecimento.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Eliane Morreli. **Os receituários manuscritos e as práticas alimentares em Campinas (1869-1940)**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

COSERIU, Eugenio. **Lições de linguística geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

GOMES, Valéria. **Traços de Mudanças e de Permanência em Editoriais de Jornais Pernambucanos: da forma ao sentido**. Tese de Doutorado. Recife: UFPE, 2006.

KABATEK, J. **Tradições discursivas e mudança linguística**. In: LOBO, T. et al. (orgs.). Para a história do português brasileiro. Salvador: Edufba, 2006.

LABOV, William. **Principles of Linguistic Change**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

LONGHIN, Sanderléia Roberta. **Tradições discursivas: conceito, história e aquisição**. São Paulo: Cortez, 2014.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível**. São Paulo, Parábola Ed., 2008.

PAIM, Marcela Moura Torres. **Tudo é diverso no universo.** Salvador: Quarteto, 2019.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro.** Alfa, São Paulo, 51 (1), p. 189-222, 2007.

ZAVAM, Áurea. **Historiando uma Tradição Discursiva: a construção da autoria institucional em editoriais de jornais cearenses.** Revista Encontros de Vista, 3º ed. Disponível em: www.encontrosdevista.com.br. Acesso em: 05/02/2024.

CAPÍTULO 3

A VOZ HUMANA: REFLEXÕES SOBRE LITERATURA E CINEMA

VASCONCELOS, Túlio
Universidade Federal Rural de Pernambuco
tuliosv1989@gmail.com

ANDRADE, Brenda Carlos
Universidade Federal Rural de Pernambuco
brenda.andrade@ufrpe.br

RESUMO:

A relação entre Cinema e Literatura aproxima-se pelo ato de contar, pelo potencial narrativo, pela capacidade de criar o espaço lúdico e transformador. Por outro lado, num mundo de tantas histórias, destacam-se as narrativas que inovam, que utilizam diversos recursos. Literatura e cinema têm tentado, ao longo do tempo, desenvolver uma relação de cumplicidade e diálogo. São muitas as obras cinematográficas que adaptam as letras para o universo das imagens. Entretanto, essa relação sempre esbarra na questão da fidelidade, levantada como barreira para a apreciação das adaptações. Com este trabalho, buscamos tratar sobre a inadequação dessa questão, levando em conta que cada arte se desenvolve de acordo com sua própria linguagem, ao mesmo tempo, em que transmite as mesmas mensagens. Aqui, serão analisados o livro *A Voz Humana*, do escritor Jean Cocteau, e o filme *A Voz Humana*, de Pedro Almodóvar, demonstrando que apesar da linguagem diferente, a adaptação cinematográfica mantém em sua essência

as mesmas discussões trazidas pela obra literária: as questões de identidade de gênero. Aqui, pretendemos focar nas questões de gênero e de representação feminina como cerne da análise.

Palavras-chave: literatura; cinema; almodóvar; cocteau; intersemiose.

Abstract: The relationship between Cinema and Literature is brought together by the act of telling, by the narrative potential, by the ability to create a playful and transformative space. On the other hand, in a world of so many stories, narratives that innovate and use diverse resources stand out. Literature and cinema have tried, over time, to develop a relationship of complicity and dialogue. There are many cinematographic works that adapt lyrics to the universe of images. However, this relationship always comes up against the issue of fidelity, raised as a barrier to the appreciation of adaptations. With this work, we seek to address the inadequacy of this issue, taking into account that each art develops according to its own language, while transmitting the same messages. Here, the book *A Voz Humana*, by writer Jean Cocteau, and the film *A Voz Humana*, by Pedro Almodóvar, will be analyzed, demonstrating that despite the different language, the film adaptation maintains in its essence the same discussions brought up by the literary work: the questions of gender identity. Here I intend to focus on issues of gender and female representation as the core of the analysis.

Keywords: literature; movie theater; almodóvar; cocteau; intersemiosis.

INTRODUÇÃO

Escrita em 1928 por Jean Cocteau, a peça “A Voz Humana” fez a sua estreia no Comédie-Française em 1930 e ficou bastante conhecida em ambientes teatrais no mundo. Monodrama ambientado em Paris, uma mulher está em cena ao telefone com o homem

que foi seu amante por anos. O amado vai se casar com outra mulher, deixando a protagonista bastante triste. O monólogo da peça mostra o paralisante, depressivo e profundamente atormentado estado mental e emocional da personagem. Em nenhum momento ouve-se a voz do homem do outro lado da linha. No livro, as falas são eclipsadas por reticências. Já no texto da peça, essas falas são escondidas pelo silêncio.

Assim, a obra de Cocteau atravessou o tempo, sendo fonte de inspiração para outros artistas como Almodóvar. O cineasta espanhol assinou a sua "A Voz Humana", um curta-metragem de 30 minutos, lançado em 2020.

Num abandono feminino realizado de forma sensível e intrigante, a tristeza da mulher sem nome é um sofrimento que ela precisa exprimir de forma controlada e racional para que a pessoa do outro lado da linha não desligue. Seu amor não mais correspondido é o motivo de sua grande mágoa, e as coisas que ela faz para tentar controlar ou mesmo superar esse sentimento não dão certo. Interpretada pela atriz Tilda Swinton, no lugar do telefone, a personagem aparece de "air pods".

O apartamento da protagonista fica localizado em uma espécie de estúdio, deixado por ela apenas em um momento, quando vai até uma loja para comprar um machado, com o qual destrói o palletó do amado. A casa, o cachorro e a promessa de um retorno do amante para buscar as malas, que acaba não acontecendo, são lembranças constantes de um momento feliz que já acabou.

Sua tentativa violenta de se expressar, e a violência real contra si mesma, mais uma violência simbólica contra o homem que ama, também não surtiu efeito. Após insistir um pouco mais no motivo de sua desgraça, a mulher percebe que não há outra forma de se livrar daquela dor: ela precisa aprender a “desligar na cara” de quem está do outro lado da linha. É um despertar que vem purificado pelo fogo: a queima de uma casinha de brinquedos que abrigava uma existência sem sentido. E munida dessa percepção é que a mulher incendeia a sua prisão familiar e se joga na novidade que será a sua existência dali para frente.

1. PROBLEMATIZAÇÃO

Levando em consideração o problema exposto, levantamos algumas questões de pesquisa, tais como a identificação dos temas recorrentes na obra do cineasta espanhol e de que forma eles são representados no Cinema, ou, ainda, a observação e a análise de quais seriam as técnicas literárias e as cinematográficas utilizadas por esse artista. Além disso, é essencial para este estudo perceber como algumas das temáticas recorrentes na obra de Almodóvar são apresentadas na sua narrativa cinematográfica.

Embora seja um elemento externo à obra cinematográfica, percebe-se a importância do papel feminino na educação de Almodóvar, enquanto cidadão, e é o papel feminino que se eleva na composição de suas personagens de seus filmes e “A Voz Humana” não é diferente, em contraposição ao espaço do silêncio deixado pelo homem no filme.

A personagem da mulher ocupa quase que totalmente o espaço na narrativa. A protagonista, embora afetada, muitas vezes, pela ação do homem do outro da linha, apresenta uma composição, revelando-se vigorosa, em contraste com a figura masculina, dado a força que ela expressa, em seu meio, ou pela intensidade das vivências frente a uma triste realidade.

Compreende-se, assim, que as formulações discursivas de um filme não são unívocas, mas encobrem várias camadas de significado muitas vezes dissonantes, evidenciando a complexidade de uma obra.

Assim, a pesquisa busca integrar as concepções de gênero e a relação existente entre os lugares sociais e os processos discursivos, com o intuito de elucidar o papel da personagem feminina, no texto literário e sua representação para o cinema, permitindo levantar aspectos de sua construção identitária.

A pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e hermenêutico, busca a articulação de conhecimentos da literatura e da cinematografia com o propósito de contribuir com os estudos de gênero e representação feminina, que se tornam visíveis pela linguagem. Com isso, procura-se verificar questões relativas à identidade feminina, tendo o texto de Cocteau, bem como o cotejo comparativo com a versão para o cinema. Tendo presente que, pelo cruzamento de vozes de diferentes sujeitos, os quais ocupam papéis e funções distintos na sociedade, o estudo busca investigar as relações de gênero e representação. Parte-se do pressuposto de que a linguagem da personagem constitui-se em aporte, na expli-

citação do sujeito feminino e sua construção.

Tal como atesta Annie Leclerc (1977), escrever, ter o domínio da palavra, é um ato de poder, um privilégio. O cineasta, como criador, ocupa a posição privilegiada de (re)significar ao falar sobre, ainda que não assuma nenhum compromisso político. O teor político, porém, é inerente a toda produção cultural, uma vez que produzir discursos e expressá-los por uma estética específica é reformular as experiências a partir da elaboração de novas formas de sentir e de conceber o mundo, engendrando novas subjetividades políticas.

O fazer cinematográfico é um ato estético e também político, na medida em que permite ao realizador dispor de lugares privilegiados de fala, controlando, em parte, o que se vê e o que se pode dizer sobre o que é visto (Rancière, 2005).

Desse modo, o reconhecimento de Almodóvar como “diretor de mulheres”, em que falar sobre muitas vezes se confunde com o falar por, suscita algumas reflexões, como se existiria, assim, uma estética ou um olhar feminino particular, ou o que converteria um texto em um discurso feminino. Só o fato de falar sobre mulheres ou retratá-las dando maior protagonismo e visibilidade já implica em falar como mulher

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O filme, entendido como um texto social que aprofunda o domínio

do simbólico, mas também o constitui ao se conectar com outros textos, é dotado de camadas de significados que transcendem os discursos intencionados, por mais diretos e explícitos que pareçam aos olhos do espectador. São conotações implícitas que compõem a poética dessas imagens, cujo estatuto é desvelado quando se decompõem os princípios gerais de sua construção. Sendo a narrativa uma história que se conta, mas também a maneira com que é contada, a imagem cinematográfica é uma espécie de linguagem cifrada, em que a ordenação dos signos presentes no visível, mas também no que se encontra latente, naquilo que não se diz, porém é ressonante, engendra os sentidos, os discursos e até mesmo os contradiscursos (Rancière, 2005).

Literatura e Cinema são formas de arte e, como tal, expressam, através de suas técnicas próprias, as particularidades de um indivíduo em seu universo subjetivo. Moura (2007: 18) cita Roman Jakobson (1970: 155) ao afirmar que o ponto de vista do teórico que nega o cinema como arte é idêntico ao do leitor de poesia para o qual as palavras não têm sentido. Moura comenta ainda que "o respeito às peculiaridades da literatura e do cinema é essencial em qualquer

projeto de cunho analítico. Visando concretizar esse propósito deve-se adotar, de fato, a posição de analista, isto é, exercer tanto a interpretação semântica quanto a interpretação crítica". Afirma ainda que, "mesmo sabendo que todo texto (literário e fílmico, inclusive) pode se abrir a várias interpretações, devemos procurar não romper a fronteira que há entre a proposta do autor, colocada em seu texto, e as projeções individuais daquele que analisa"

(2007: 18).

A maior parte dos teóricos lamenta que o cinema, no afã de narrar uma história, apele à literatura, por acreditarem que a película perde aquilo que chamam de “específico fílmico”. Entretanto, como “o que interessa ao homem é seu próprio drama que, de certa maneira, já se encontra pronto na literatura, o cinema volta-se para essa arte em busca de fundamento às histórias que ele quer contar” (CAMPOS, 2003, p. 43). Ou, então, apropria-se da literatura, porque ela é um sistema ou subsistema integrante do sistema cultural mais amplo, que permite estabelecer relações com outras artes ou mídias.

Para Johnson (2003), as relações entre o cinema e a literatura são complexas e se caracterizam, sobretudo, pela intertextualidade e, citando Avellar, diz que “o que leva o cinema à literatura é uma quase certeza de que é impossível apanhar aquilo que está no livro e colocá-lo, de forma literária, no filme” (AVELLAR apud JOHNSON, 2003, p. 41). Segundo Johnson, (2003, p. 42) a “insistência à fidelidade é um falso problema, porque ignora a dinâmica do campo de produção em que os meios estão inseridos”.

A literatura e o cinema constituem dois campos de produção signífica distintos cuja relação pode se tornar possível em razão da visualidade presente em determinados textos literários, permitindo sua transformação em películas. Isso implica afirmar que a literatura serve de motivo à criação de outros signos e coloca em jogo, não só a linguagem dos meios, mas também os valores subjetivos, culturais, políticos do produtor da película.

Bazin observa que “há cineastas que se esforçam por uma equivalência integral do texto literário e tentam não se inspirar no livro, mas adaptá-lo ou traduzi-lo para a tela” (BAZIN, 1999, p. 93). Como é o caso de Almodóvar ao redimensionar o texto de *Cocoteau*. O texto literário possui relação com o leitor de forma isolada e tem como matéria-prima a linguagem e não a imagem, ao contrário do filme que é feito para projeções em salas escuras, onde atinge um público determinado, porque o cinema “não pode existir sem o mínimo de audiência imediata” (BAZIN, 1999, p. 100). Em relação aos aportes teóricos da pesquisa, destaca-se ainda o pensamento de Lauretis (1992, p. 24): o gênero, como representação e como auto-representação é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana.

As relações sociais e afetivas que se estabelecem ao longo da história, ao lado da discriminação e violência, muitas vezes enfrentadas pela mulher, em decorrência do comportamento machista do homem, constituem elementos a serem abordados dentro da pesquisa proposta, com o intuito de verificar a representação feminina, na obras aqui em discussão. Da mesma forma, busca-se, pelo filtro da cinematografia (“*A Voz Humana*” de Almodóvar), verificar como se apresentam essas personagens, por meio de uma linguagem diferente da literária, mas que retrata a obra literária.

A distinção entre papéis de gênero e papéis sexuais, com o intuito de analisar condutas de homens e mulheres inseridos no contex-

to sociocultural, são significativos para a crítica feminista. Nessa direção, gênero refere-se à definição de diferenças sociais e culturais baseadas na tradição, enquanto sexo diz respeito às características biológicas, como os cromossomos e fatores hormonais. No entendimento de Lauretis (1992, p, 25), gênero é [uma] representação [...] e a [...] representação de gênero é a sua construção [...], que [...] também se faz através de sua desconstrução [...].

De um modo geral, a história é vista pelo olhar masculino, e Smith (2003, p. 17) destaca que elas ocupam um degrau inferior na escada do ser cognitivo, más profissionais, na verdade, como eram com frequência consideradas as muitas historiadoras amadoras, inclusive por elas mesmas. Lembrando que, na verdade, a sua atuação foi assinalada por um verdadeiro assujeitamento ao macho e uma opacidade histórica. [...] Somente a partir dos anos de 1960, começa a ocorrer uma mudança no rumo da historiografia, verificando-se uma maior inserção da mulher no mundo produtivo. [...] (TAVARES, 2007, p. 27-29).

A contribuição do filme de Almodóvar configura-se, assim, pela produção de uma subjetividade feminina que, se por um lado, reivindica a liberdade individual sobre o seu destino, seus corpos e sua sexualidade, por outro mantém a figura das mulheres confinada em um espaço simbólico ainda sustentado pelo pensamento da diferença sexual, pela repaginação de alguns mitos reproduzidos historicamente, relevância esta que justifica a importância de realizar estudos mais aprofundados sobre sua obra.

3. INTERSEMIOSE

No que se refere à literatura comparada, trata-se de uma tentativa de diálogo com o maior número de áreas de objetos artísticos e de conhecimentos possíveis. Segundo Helena Carvalhão Buescu (2001), há hoje três tendências centrais para as perspectivas de comparação: uma tendência multidisciplinar, uma interdiscursiva e uma intersemiótica. A relação entre a literatura e as outras manifestações artísticas está mais próxima da tendência intersemiótica.

A Literatura Comparada confirma ser um espaço de reflexão dos componentes históricos, teóricos e culturais do fenômeno literário: pode considerar “fenômenos transtemporais e supranacionais” (BUESCU, 2001, p. 14) ou pode acentuar “uma dimensão especificamente cultural” (BUESCU, 2001, p. 14). Para Buescu, daqui decorrem três tendências centrais para o entendimento das perspectivas atuais do comparatismo:

uma tendência multidisciplinar (e mesmo eventualmente interdisciplinar); uma tendência interdiscursiva, visível no desenvolvimento das relações com áreas como a história, a filosofia, a sociologia e a antropologia; finalmente, uma tendência intersemiótica, que tenta colocar o fenômeno literário no quadro mais lato das manifestações artísticas humanas. De todas elas ressalta um aspecto comum: o de que a literatura comparada se situa na área particularmente sensível da “fronteira” entre nações, línguas, discursos, práticas artísticas, problemas e conformações culturais (Buescu, 2001, p. 14).

Deste modo, mesmo que o campo dos estudos literários consiga uma abrangência significativa de estudos, não se pode negligenciar

ciar especificidades e metodologias capazes de consolidar, via comparatismo, modos de pensar, questionar o literário, lançar luzes na área dos estudos literários que de outro modo não seria possível. A comparação é um ato generalizado em várias áreas do conhecimento, mas quando usada como recurso analítico e interpretativo que é, e tomada como procedimento metodológico nuclear (a “metodologia comparativa”), pode revelar aspectos que outra modalidade de estudos não desvendaria.

Assim, são analisadas as particularidades artísticas em ambas as narrativas, a partir das convergências apontadas pela análise comparativa, e em relação às divergências, serão levados em conta como tais particularidades são mostradas por meio de uma e de outra técnica narrativa.

Segundo Jacques Aumont e Michel Marie, se se considera um filme como uma obra artística autônoma, então logo é suscetível de engendrar um texto e permite uma análise textual, que fundamente as suas significações sobre estruturas e sobre bases visuais e sonoras, produzindo assim um efeito no espectador. “A Análise do Filme” apresenta um princípio de que “não existe método universal para analisar filmes” (Aumont; Marie, 2009).

Isto significa que cada filme demanda um tipo de análise particular no qual o pesquisador “precisará mais ou menos de construir o seu próprio modelo” (Aumont; Marie, 2009). Assim, serão observados como se dão a incidência da luz/penumbra/foco, planos de apresentação das personagens; som/melodia e imagem, como forma de evidenciar ou não a construção da figura feminina.

Para o propósito da pesquisa, a figura feminina do texto e do filme, por meio de seu discurso, pelas próprias condições de vida em que se encontra, pelas relações coercitivas, nas quais o espaço da fala/verbalização é trazida à baila, revelam-se apropriadas à verificação das configurações de gênero, no cotejo com o espaço masculino.

REFERÊNCIAS

AUMONT, J; MARIE, M. **A Análise do Filme**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2009.

BAZIN, André. **Por um cinema impuro**. Tradução de Eloísa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense. 1999.

BUESCU, Helena Carvalhão. **Grande angular. Comparatismo e práticas de comparação**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2001.

CAMPOS, Fernando Coni. **Cinema: sonho e lucidez**. Rio de Janeiro: Azougue, 2003.

COCTEAU, Jean. **A Voz Humana**. Lisboa: Assirio & Alvim, 1989.

JOHNSON, Randal. Literatura e cinema, diálogo e recriação: o caso de Vidas Secas. In: PELLEGRINI, Tânia et all. **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2003.

LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia do gênero**. In: A mulher na Literatura. Florianópolis: UFSC. 1992.

LECLERC, Annie. **Palabra de mujer**. Buenos Aires, Editorial La Aurora, 1977.

MOURA, Alexssandro Ribeiro. **Lavoura Arcaica: tradução inter-semiótica**. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Faculdade de Letras, UFG, Goiânia-GO. 2007.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo, **EXO experimental** (org.); Ed. 34, 2005.

SMITH, Bonnie G. **Gênero e história: homens, mulheres e prática histórica**. Tradução de Flávia Beatriz Rossler. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

TAVARES, Carla Rosane da Silva. **A perspectiva da mulher como resistência às configurações ideológicas do ditador latino-americano: o romance de Julia Alvarez e de Mario Vargas Llosa**. (Tese de Doutorado), Porto Alegre: UFRGS, 2007.

VOZ humana. Direção de Pedro Almodóvar. Espanha: El Deseo, 2020. (30 min.).

CAPÍTULO 4

NADA É PERMANENTE: A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – ESTUDO DE CASO DO 6º ANO

NASCIMENTO, Thiago Henrique Pereira do
Universidade Federal Rural de Pernambuco
professornascimento00@gmail.com

VICENTE, Renata Barbosa
Universidade Federal Rural de Pernambuco
renata.vicente@ufrpe.br

RESUMO:

Este artigo tem por finalidade observar e discutir sobre o fenômeno da variação linguística e ao preconceito linguístico no Livro Didático de Português (de agora em diante LDP) “Se liga na língua 6º ano” (2018), de autoria Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, aprovado no PNLD 2020. Os princípios teóricos que norteiam esta pesquisa são da Dialetoлогия e da Sociolinguística, com base nos postulados de Bagno (2013), Cardoso (2006), Labov (2008), Lima, Razky e Oliveira (2020), Paim (2018), entre outros. Para a realização deste estudo, utilizou-se da pesquisa qualitativa, de

cunho documental e bibliográfico. Após a análise das atividades referentes à variação linguística, os resultados apontam que a obra analisada promove um trabalho adequado com o fenômeno da variação linguística.

Palavras-chave: Livro Didático; Variação Linguística; Preconceito Linguístico; PNLD.

Abstract: This article aims to observe and discuss the phenomenon of linguistic variation and linguistic prejudice in the Portuguese Textbook (from now on LDP) "Se liga na língua 6º ano" (2018), authored by Wilton Ormundo and Cristiane Siniscalchi, approved in PNLD 2020. The theoretical principles that guide this research are from Dialectology and Sociolinguistics, based on the postulates of Bagno (2013), Cardoso (2006), Labov (2008), Lima, Razky and Oliveira (2020), Paim (2018), among others. To carry out this study, I used qualitative research, of a documentary and bibliographical nature. After analyzing the activities related to linguistic variation, the results indicate that the work continued promoting a reasonable work with the phenomenon of linguistic variation.

Keywords: Textbook; Linguistic Variation; Linguistic Prejudice; PNLD.

INTRODUÇÃO

Ainda hoje, o fenômeno da variação linguística provoca muitos debates e estudos nas esferas sociais, tendo em vista que mudanças nas línguas sempre foram perceptíveis. Todavia, tais estudos datam de "muito antes do surgimento da linguística como ciência, os estudos sobre a variação e sobre os dialetos já eram realizados em várias partes do mundo." (Lima; Razky; Oliveira, 2020).

No Brasil, o debate se manifesta principalmente nos ambientes de ensino, mais especificamente na escola, onde os docentes do componente curricular Língua Portuguesa são cobrados pelo ensino da gramática normativa/prescritiva, a qual estabelece o "certo" ou "errado" na língua. Nesta perspectiva, as variantes de prestígios sobressaem-se sobre as outras variantes consideradas de menor prestígio (estigmatizadas).

Em contrapartida, durante todo o processo pedagógico, os professores esbarram com a manifestação da pluralidade linguística na sala de aula e/ou fora dela. A variação e a mudança ocorrem porque a língua se materializa a partir do uso que seus falantes fazem dela, seja pela fala ou pela escrita, como indica Paim (2018). Conforme os postulados da Sociolinguística, ela varia em virtude do tempo, do espaço e das mudanças sociais. Por essa razão, não se pode estudá-la como algo estático, homogêneo e imutável.

Valendo-se dessa teoria, os documentos oficiais, desde os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) até a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), explicitam a preocupação quanto ao ensino da língua portuguesa. Para os documentos, o ensino de língua deve ser apoiado nos achados científicos mais recentes, uma vez que esses compreendem a língua "como um fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem." (Brasil, 2018). No que se refere à variação linguística, a BNCC aponta que é necessário refletir acerca dos fenômenos da variação e da mudança linguística, por serem fenômenos inerentes a qualquer

sistema linguístico. Segundo o que está posto no documento, faz-se mais que necessários tecer reflexões sobre as variedades de prestígios e as variedades estigmatizadas, tendo em vista que os preconceitos acarretados por essas devem ser tematizados. (Brasil, 2018).

Ancorando-se nas teorias de Bagno (2013), Cardoso (2006), Labov (2008), Lima; Razky; Oliveira (2020), Paim (2018), pretende-se identificar o tratamento oferecido ao fenômeno da variação linguística no Livro Didático de Português dos Anos Finais do Ensino Fundamental - assumido como uma das ferramentas pedagógicas mais utilizada pelos docentes em sala de aula. Sendo assim, para realização desta pesquisa, objetiva-se analisar como o Livro Didático "Se liga na língua - 6º ano", aprovado no PNLD 2020, de autoria Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, publicado em 2018, realiza o trabalho com as variantes linguísticas.

O presente artigo está estruturado em quatro seções, a saber: (i). Variação linguística: a diversidade dos falares, na qual contempla o referencial teórico da pesquisa; (ii). Percurso metodológico; (iii). Contextualização do Livro Didático de Português, expõe as características gerais da obra analisada; (iv). Se liga na variação linguística: reflexões e discussões, o capítulo analítico apresenta os dados coletados e algumas reflexões sobre o ensino da variação; e, finalmente, (v). Considerações finais.

1. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: A DIVERSIDADE DOS FALARES

A linguagem surge da necessidade do ser humano se comunicar para se organizar em sociedade. Devido aos processos históricos, sociais e culturais, ela se transformou em ferramenta de acesso ao mundo e ao pensamento, visto que as vivências humanas são transpassadas por signos e palavras. Diante disso, surge a língua, compreendida por Saussure (2002) como um conjunto de convenções necessárias, estabelecidas e adotadas por um grupo social.

Por muito tempo, a língua foi compreendida como um sistema estático, homogêneo e imutável. Essa convicção estava alicerçada na normatividade da gramática tradicional, que buscava padronizar a língua, com suas regras do "certo" e do "errado" na fala e na escrita. Assim, aprisionava-a ao rótulo de entidade pura e inalterável.

Rompendo com o antigo pensamento, no século XIX, surgem as primeiras pesquisas voltadas a temática da variação linguística, como assevera Lima; Razky; Oliveira (2020, p. 14). A partir desses estudos, verificou-se que a língua era um sistema vivo e, em razão disso, se transformava. Ou seja, que era contínua, gradual e dinâmica, além de ser heterogênea, ao considerar que seus falantes possuíam experiências históricas, culturais, sociais e políticas diversas. Por este ângulo, à medida que a variação linguística passava a ser vista como parte significativa da competência comu-

nicativa dos seres humanos, dado que é inerente às línguas e em nada compromete o funcionamento do sistema linguístico dos falantes, segundo sinalizam Lima; Razky; Oliveira (2020), diversos estudos científicos da Sociolinguística e da Dialectologia surgiram com o propósito de explicar a variabilidade da língua.

Concebida por William Labov, a Sociolinguística é a ciência responsável por estudar a variação linguística. Em sua metodologia, Labov (2008) postula que para se estudar a língua faz-se necessário realizar a observação direta da língua usada pelos falantes em situações naturais de interações sociais face a face. A metodologia laboviana se fundamenta em dois aspectos: o diacrônico, associado ao fator temporal (histórico), e o sincrônico, também associado ao fator temporal, mas observa-se três pontos de vista: o diatópico (geográfico), diastrático (social) e o diafásico (estilístico).

Por sua vez, a Dialectologia, de acordo com Lima; Razky; Oliveira (2020), através da metodologia Geossociolinguística - que entende a variação linguística sustentada pelo tripé de fatores condicionantes (espacial, social e linguístico) - apresenta outros tipos de variação linguística, sendo eles: variação diageracional (relativa às faixas etárias dos indivíduos), variação diassexual (variação entre feminino e masculino), variação diacinética (observada em indivíduos de mesma comunidade de fala, no entanto, um sai dela), variação diarreligiosa (religião dos falantes), variação diarreferencial (conhecimento metalinguístico x conhecimento extralinguístico), variação diamodal (modalidade falada x modalidade escrita), variação diatécnica (discurso especializado x discurso

comum) e a variação diagenérica (gêneros textuais ou discursivos).

Essa ciência, com um olhar pluridimensional, conforme Cardoso (2006), procura estipular relações entre as variáveis sociais e as diatópicas, com o objetivo de entender melhor o processo de variação em sua plenitude. Seu objetivo é buscar estabelecer uma relação com o ensino, ao passo que ela

se apresenta como instrumento auxiliar no processo de ensino-aprendizagem de uma língua, em especial da língua materna, pelos instrumentos que pode oferecer ao reconhecimento e identificação da realidade lingüística de um território e ao aperfeiçoamento do processo de ensino. (CARDOSO, 2006, p. 102)

Diante disso, a escola e os professores não devem nem podem negar a existência da pluralidade linguística, pois seu alunado está inserido em uma sociedade que evolui constantemente. Isto posto, não se deve

ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. Algumas conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder da persuasão; outras contribuem para formar-lhe uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15)

Ao adotar o conceito de língua como prática social, de construção histórica, pela qual os indivíduos interagem, a BNCC está consciente da mutabilidade da língua, nas duas modalidades: fala e es-

crita. Consoante Marcuschi (2001), a fala e a escrita se constituem como modalidades de uso dentro de uma constante variacional. À vista disso, os documentos oficiais assinalam a importância do trabalho com o eixo da oralidade, visto que “a vida social requer certos conhecimentos para que o cidadão atue em uma diversidade de situações escolares e extraescolares permeadas pela linguagem, via modalidade oral.” (Brasil, 1998, p.53). O ensino da oralidade deve se dar pela promoção de situações orais de uso da língua, com gêneros discursivos especificamente do eixo da oralidade: jingle, debate, rodas de conversas, seminário, recitação de poemas, entre outros. Além disso, o trabalho com essas práticas, conforme a BNCC, também deve considerar “a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação”. (Brasil, 2018).

Nesse sentido, cabe, portanto, à escola e aos professores conscientizar os discentes quanto à pluralidade linguística existente no nosso país, tanto na modalidade da fala quanto da escrita, e fazer com que reflitam que, ao empregar determinadas formas linguísticas em detrimento de outras, sofreram uma avaliação social. No que tange às variedades urbanas de prestígio, os alunos devem acessá-la, pois têm o direito de fazer uso delas em suas práticas sociais. Todavia, é necessário “reconhecer que essas variedades urbanas de prestígio não correspondem integralmente às formas prescritas pelas gramáticas normativas.” (Bagnó, 2013, p. 14).

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Para o desenvolvimento deste estudo, utilizamos da abordagem qualitativa de cunho documental e bibliográfico. A metodologia qualitativa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.” (Minayo, 2007, p. 21). Ela é caracterizada por sempre buscar compreender o fenômeno em seu ambiente natural, ou seja, em um dado contexto, tendo como seu principal instrumento o investigador. Por sua vez, a análise documental, para Godoy (1995), utiliza de documentos considerados importantes fontes de dados, reveste-se de um caráter inovador para o estudo de alguns temas. Nesse sentido, como documentos entende-se jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais, ou seja, documentos no sentido mais amplo. Em virtude disso, o *corpus* escolhido, o Livro Didático de Português (LDP), assume o caráter documental. No primeiro momento de pesquisa foi realizada a curadoria do material. O critério de seleção do LDP foi o livro ter sido aprovado no PNL D 2020. Em seguida, ocorreu a análise do material, observando se ocorria, em suas atividades, o trabalho com a variação linguística. Concomitante a etapa anterior, foram feitos o levantamento e a leitura do referencial teórico. Para, enfim, realizar-se a escrita deste artigo.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS

Aprovada no PNLD 2020, a obra “Se liga na língua: leitura, produção de textos e linguagem - 6º ano”, de autoria de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, publicada em 2018, pela editora Moderna, faz parte de uma coleção composta por 4 (quatro) volumes direcionados aos Anos Finais do Ensino Fundamental (do 6º ao 9º ano). Quanto a sua estruturação, logo no início, há uma apresentação da obra. Depois, apresenta o sumário com os oito capítulos.

Em relação aos capítulos, eles se organizam em torno de um gênero textual central, seguido de outros diferentes gêneros para realização de atividades comparativas e reflexivas sobre a língua. Os capítulos são organizados nas seguintes seções: “Desvendando o texto”; “Refletindo sobre o texto”; “Se eu quiser aprender mais”; “Meu [gênero] na prática”; “Textos em conversa”; “Entre saberes”; “Conversa com arte”; “Expresse-se!”; “Mais da língua”; “Leitura puxa leitura” e “Biblioteca cultural em expansão”. Além dessas seções, o material possui a seção “Minha canção”, que vem no início e no final de cada volume, tendo por objetivo a fruição estética do aluno a partir da diversidade musical brasileira.

No que tange ao trabalho com a oralidade, ele perpassa por algumas seções. O material didático inclui o trabalho com o referido eixo às atividades referentes aos outros eixos, especialmente, a

leitura e a escrita. Esse trabalho fica evidenciado em algumas seções, tais quais: “Conversa com arte”, “Transformando [gênero] e [gênero]”, entre outras. Além dessas seções, o ensino das práticas orais fica evidenciado na subseção “Fala aí”, apresentada em alguns capítulos, ao promover momentos de fala e escuta por parte dos discentes. Para discutir especificamente o fenômeno da variação linguística e o preconceito linguístico, o LDP dispõe, dentro do capítulo 2 “Verbete: a palavra que explica a palavra”, da seção “Mais da língua”:

4. SE LIGA NA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: REFLEXÕES E DISCUSSÕES

Verificamos, diante de toda a problemática discutida até aqui, que os documentos oficiais da Educação brasileira adotam a concepção de língua como interação, uma vez que compreendem a língua como um fenômeno social, cultural, histórico, variável e heterogêneo. Com o auxílio dela, nas modalidades fala ou escrita, os indivíduos podem circular em diversos contextos sociais. Nesta perspectiva, o fenômeno da variação linguística é considerado inerente à língua, dado a existência dos níveis de formalidade requeridos nas diversas situações comunicativas. No tocante ao eixo da oralidade, o LDP “Se liga na língua 6º ano” propicia um trabalho adequado com a modalidade oral da língua, pois compreende que as práticas da oralidade precisam ser efetivadas nos estudantes, à medida que os leva a refletir sobre o uso dessa mo-

dalidade.

Na seção “Transformando o [gênero] em [gênero]”, é possível perceber o trabalho realizado com as modalidades escrita e oral da língua, como pode ser observado em:

EXEMPLO 1

Transformando o verbete em podcast

Você e mais quatro colegas gravarão um podcast usando um aplicativo de smartphone. O conteúdo é o mesmo dos verbetes que vocês produziram, mas adaptado a um novo contexto.

1. Iniciem preparando um roteiro e definindo a ordem das falas. Se mais de um integrante tiver escolhido o mesmo lugar imaginário, as falas devem se complementar.
2. Lembrem-se de se apresentar ao público e informar o assunto do podcast. Construam essa apresentação procurando atrair o interlocutor para que ele continue ouvindo.
3. Gravem testes para se familiarizar com o texto. Ele deve ser lido com naturalidade, como se vocês estivessem falando. Analisem depois todos esses testes.
4. Lembrem-se: a linguagem informal é mais comum neste gênero!

5. Ajudem os colegas do próprio grupo ou dos demais, caso já tenham feito algum trabalho assim antes.

(Ormundo, Siniscalchi, 2018, p. 62)

EXEMPLO 2

Fala aí!

O sentido das palavras e das locuções é criado pela comunidade de falantes e não é fixo, muda conforme o tempo e o lugar. Qual é, então, a responsabilidade dos especialistas que escrevem dicionários? Reúnam-se em grupos e formulem uma resposta a ser apresentada oralmente.

(Ormundo, Siniscalchi, 2018, p. 50)

EXEMPLO 3

Fala aí!

A publicidade envolve gêneros bastante diferentes: logotipos em camisetas, canções publicitárias (jingles), outdoors, propagandas no rádio e na TV, anúncios em revistas, jornais e redes sociais, entre outros. Podemos dizer que ela nos cerca em nosso dia a dia, divulgando marcas, produtos e serviços. Você acha que as pessoas são facilmente conquistadas pela publicidade? Por que isso pode ser um problema?

(Ormundo, Siniscalchi, 2018, p. 188)

Como podemos observar nos exemplos apresentados, para a realização da atividade proposta, os alunos são levados a refletir sobre o tema do capítulo, para, posteriormente, produzir uma resposta. Subentende-se que, para formar sua resposta, eles terão que sistematizar as ideias do grupo. Para responde-la, eles farão uso da modalidade oral da língua, transformando, portanto, a escrita em fala. Nesse sentido, a questão estabelece a relação de fala e escrita, ao levar o aluno a perceber como as duas modalidades se articulam em diferentes gêneros e práticas de linguagem.

Sobre as atividades relacionadas ao fenômeno da variação linguística, o LDP as insere nas questões de compreensão e interpretação textual. Elas possibilitam que os alunos compreendam a língua como um sistema vivo e mutável, por isso, sujeita a mudanças e variações.

EXEMPLO 4

Agora, responda a estas questões.

1. Esse anúncio faz parte de uma campanha que incentiva os moçambicanos a aproveitar o verão. Que elementos da imagem relacionam essa estação à sensação de bem-estar e descontração?
2. De que modo a sensação de calor, característica do verão, é representada na imagem? E no título da campanha "Verão Amarelo"?
3. Em "Malta reunida", que aparece em destaque, ocorre uma pa-

lavra que praticamente não é usada no Brasil. Você conseguiu deduzir seu sentido? Como fez isso?

4. Suponha que essa campanha também fosse veiculada no Brasil. Que adaptações você faria no texto para que ficasse de acordo com a linguagem que os brasileiros costumam usar? Reescreva as frases no caderno.

(ORMUNDO, SINISCALCHI, 2018, p. 188)

O exemplo 4 exibe uma amostra de atividade voltada ao fenômeno da variação linguística. Encabeçando o item, há um anúncio publicitário produzido em Moçambique. A partir dessa peça, foram elaboradas questões discursivas, a fim de levar o aluno a atentar-se para as mudanças e as variações da língua. Das quatro perguntas, três tratam da variação diatópica no nível semântico-lexical.

EXEMPLO 5

5. Leia uma tirinha do Urbanoide (rapaz de barbicha). Essa tira evidencia a variação regional do português usado no Brasil ao brincar com as diferenças entre as linguagens empregadas por paulistanos e cariocas.

a) Por que a palavra paulista foi escrita com x ("paulixta") e não com s?

b) Por que essa forma de escrever a palavra paulista é fundamental para que o leitor entenda a tira?

c) Que outras palavras usadas pelo mesmo falante também marcam a variedade regional da cidade do Rio de Janeiro?

d) Além da língua, que outro aspecto cultural é citado para diferenciar os moradores das duas regiões?

e) As tiras do Urbanoide são publicadas em jornais da cidade de São Paulo. Que diferença haveria se essa tira circulasse em um jornal carioca?

(Ormundo, Siniscalchi, 2018, p. 70)

Por sua vez, no exemplo 5, evidenciamos que a atividade proposta aborda a variação diastrática (social) e a variação diatópica (regional). Inicialmente, a questão expõe a tirinha “Urbanoide”, de autoria de Diogo Sales. Em seguida, sugere que o aluno explore e reflita acerca das diferenças existentes entre o falar de um estado para o outro – Rio de Janeiro e São Paulo. A letra “a”, por exemplo, leva o aluno a refletir sobre a variação no nível fonético.

Em conclusão desta análise, após examinar as atividades do LDP “Se liga na língua 6º ano”, verificamos que o material concebe a língua como instrumento de interação social, considerando seu trabalho com os gêneros discursivos e sua preocupação com as práticas de linguagem. No que concerne à variação linguística e ao preconceito linguístico, é possível perceber que a obra, mesmo apresentando apenas alguns tipos de variantes (a mais conhecidas), provoca discussões positivas a respeito das temáticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil apresenta uma diversidade linguística gigantesca, que reflete as riquezas culturais e históricas de suas regiões, comunidades e grupos étnicos. Mesmo sabendo-se disso, por vezes, durante o ensino de língua, a variação linguística tende a ser invisibilizada, tendo em vista que os Professores de Língua Portuguesa são levados a focar no ensino da gramática normativa. Todavia, é necessário que esses profissionais se atentem que ensinar língua, na atualidade, é proporcionar aos alunos sobre o uso da língua a partir das suas práticas sociais. Para isso, faz-se necessário que as teorias das ciências que estudam o fenômeno da variação linguística sejam lidas, refletidas e apropriadas pelo professor. Com relação ao uso do Livro Didático de Português, independentemente de como o material didático aborda a temática, seja adequada ou inadequadamente, cabe ao docente, após a apropriação das teorias, proporcionar um trabalho que combata os estereótipos e os preconceitos linguísticos, a fim de construir uma sociedade mais inclusiva, uma vez que, parafraseando Paim (2019), no universo, tudo é diverso.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico** – o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2013.

BORTONI-RICARDO, S. M **Nós chegemos na escola, e agora?:** sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. (Orgs.) **Documentos 2: projeto atlas lingüístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 97-108.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo. v. 35, n. 3, p. 29-29, mai/jun, 1995.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. de M. Bagno; M.M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PAIM, Marcela Moura Torres. Variação linguística no livro didático para o Ensino Médio: algumas considerações. In: SILVA, Simone Bueno Borges da.; PEREIRA, Júlio Neves. (Orgs.). **Língua Portuguesa e Literatura no livro didático: Desafios e Perspectivas**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2018. p. 169-183.

PAIM, Marcela M. T. Tudo é diverso no universo. Salvador: Quarteto, 2019.

RAZKY, Abdelhak; OLIVEIRA, Marilucia Barros de.; LIMA, Alcides Fernandes de. (Orgs.) **Estudos Geossociolinguísticos do Português Brasileiro - Volume 2.** Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. De Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidro Blikstein. 24ªEd. São Paulo: Pensamento - Cultrix, 2002.

CAPÍTULO 5

LATRINÁRIA REVELADA: UM LEVANTAMENTO SOBRE PESQUISAS NA ÁREA NO BRASIL

COSTA, Melk Andrade
Universidade Federal Rural de Pernambuco
melkandrade@hotmail.com

MELO, Iran Ferreira de
Universidade Federal Rural de Pernambuco
iranmelo@hotmail.com

RESUMO:

A escrita latrínica se caracteriza como um fenômeno linguístico presente nos banheiros públicos, constituindo-se em uma expressão sociocultural rica em significações. Este breve artigo percorre pesquisas na área, desde os estudos de Barbosa (1984) até as análises recentes de Junior, Santos e Flores (2023), explorando textualidades em paredes sanitárias. A centralidade das pesquisas evoca discursos sobre gênero e sexualidade, sob a forma de autopromoção da sexualidade, além de reproduções de preconceitos e discriminações, como destacado por Damião e Teixeira (2009) e Soares (2020). A presença marcante de expressões homofóbicas, transfóbicas e misóginas destaca a urgência de enfrentar o teor nocivo dessas manifestações e de reconhecer a agência dos corpos dissidentes. Tais evidências destacam a la-

trinária como um espaço simbólico onde as normas sociais e as dinâmicas de poder se manifestam. Este fenômeno, longe de ser apenas uma curiosidade linguística, é um reflexo das dinâmicas sociais que moldam nossa sociedade. O levantamento reafirma a necessidade de mais pesquisas, destacando a pluralidade de vozes e experiências representadas nas paredes dos banheiros públicos como um campo ainda sub-explorado.

Palavras-chave: Escrita latrínica. Gênero e sexualidade. Banheiros públicos.

Abstract: The latrinic writing is characterized as a linguistic phenomenon present in public restrooms, constituting a socio-cultural expression rich in meanings. This brief essay, traversing research in the field, from Barbosa's studies (1984) to the recent analyses by Junior, Santos, and Flores (2023), explores textualities on restroom walls. The centrality of the research evokes discourses on gender and sexuality, in the form of self-promotion of sexuality, as well as reproductions of prejudices and discriminations, as highlighted by Damião and Teixeira (2009) and Soares (2020). The prominent presence of homophobic, transphobic, and misogynistic expressions underscores the urgency of confronting the harmful nature of these manifestations and recognizing the agency of dissenting bodies. Such evidence highlights latrinic writing as a symbolic space where social norms and power dynamics manifest. This phenomenon, far from being merely a linguistic curiosity, is a reflection of the social dynamics that shape our society. The survey reaffirms the need for further research, highlighting the plurality of voices and experiences represented on the walls of public restrooms as a still underexplored field.

Keywords: Latrinic writing. Gender and sexuality. Public restrooms.

INTRODUÇÃO

Por entre os espaços mais cotidianos, onde as paredes são testemunhas discretas do comportamento humano, emerge uma forma de expressão que sempre passa em despercebido: a escrita latrinária. Também conhecida como escrita latrínica, esta manifestação linguística, de caráter efêmero, encarado pela sociedade como uma forma despreziosa de escrita, revela-se como um fenômeno sociocultural, com características discursivas que remetem, muitas vezes, à sexualidade e seu uso pela sociedade. Ao se fixar nas paredes dos banheiros de diversas instituições, a latrinária tece uma tapeçaria discursiva que revela relações de poder, confronta normas sociais, divulga acesso fácil aos corpos que ali transitam – ou não –, subjugando-os ou dando voz a corpos que muitas vezes são subalternizados pela sociedade.

O presente artigo, ligado ao projeto de pesquisa *Entre paredes e palavras: o discurso latrinário em escolas do Ensino Médio*, propõe uma breve incursão nessa forma de expressão, buscando não apenas definir a escrita latrinária, mas também explorar suas recorrências através das diversas pesquisas realizadas sobre o tema. Do aparentemente comum ao confessional, a latrinária se revela como um canal de expressão que transcende sua efemeridade, permitindo que vozes anônimas se manifestem, desafiem normas e revelem aspectos culturais da sociedade.

Ao longo deste trabalho, empreendemos uma jornada que perpassa décadas de investigação, desde as análises iniciais de Bar-

bosa (1984) até as abordagens mais contemporâneas de Junior, Santos e Flores (2023). Por meio dessa exploração, buscamos não apenas definir o conceito de escrita latrinária, mas também entender como ela se insere nas dinâmicas de poder, gênero e sexualidade, trazendo à superfície significados presentes nos grafitos de banheiro. Sendo assim, trata-se de um levantamento bibliográfico, tido como um movimento necessário de compreensão do objeto de pesquisa para trabalhos futuros, de forma a facilitar sua execução, além de considerar os trabalhos prévios na área e suas profícuas contribuições para a sociedade.

Na primeira seção, delineamos o conceito de latrinária, considerando sua natureza espontânea, anônima e, por vezes, controversa. Em seguida, fazemos uma imersão nas pesquisas que contribuíram para a construção do estado da arte, explorando o conceito de latrinária e os resultados presentes. Tais fatores contribuem para nortear as investigações propostas em trabalhos futuros vinculados ao projeto citado. Por fim, examinamos os resultados desses estudos, revelando as recorrências temáticas, as representações de gênero e as expressões de desigualdade presentes nas escritas latrinárias ao longo do tempo.

Dessa forma, a latrinária se consolida como um universo peculiar, suscetível a análises discursivas, chamando atenção a cada época vivida. Veremos que a trivialidade dessas textualidades é desafiada, que elas trazem revelações sobre o que é permitido expressar por entre as quatro paredes da cabine do banheiro, ainda que seu teor seja possivelmente considerado “politicamente incorreto”. Sendo assim, prosseguimos com o estudo na segunda

seção, definindo a latrinária de acordo com os estudos na área.

1. LATRINÁRIAS: VOZES FIXADAS EM BANHEIROS

A latrinária, ou escrita latrínica, como proposto por Junior, Santos e Flores (2023, p. 423), é um fenômeno intrínseco aos banheiros públicos, revelando-se como uma expressão peculiar e, por vezes, controversa da linguagem. Este termo ganha relevância ao desvendar as camadas discursivas que o compõem, de forma velada pela estrutura sanitária, durante cotidiano. Dessa forma, considera-se o Banheiro como um local que, segundo Cicconeti (2019), apresenta representações de gênero socialmente demarcadas, incluindo estereótipos, expectativas sociais e representações de papéis de gênero.

É no âmago das pesquisas de Barbosa (1984, p. 17) que notamos a natureza anônima da latrinária. O autor (1984, p. 17) destaca a latrinária enquanto uma literatura rica em significações fundamentais para o entendimento da cultura humana. O anonimato, muitas vezes acobertado pela sensação de clandestinidade e privacidade, permite que indivíduos expressem suas vozes de forma discreta, desafiando as convenções sociais.

Ao considerarmos a definição proposta pelos pesquisadores, a latrinária refere-se aos grafitos encontrados em banheiros públicos, estabelecendo uma centralidade notável nos discursos sobre gênero e sexualidade (Junior, Santos e Flores, 2023, p. 423).

Este fenômeno, à primeira vista efêmero, é carregado de marcas discursivas e ideológicas que, embora anônimas, possuem o poder de refletir e desafiar as normas sociais vigentes. É no âmago das análises de Junior, Santos e Flores (2023) que percebemos que a latrinária transcende seu aparente caráter trivial, mesmo em textos com teor sexual, emergindo como uma forma de expressão e resistência dentro de um contexto específico. Essas inscrições nas paredes dos banheiros revelam-se como espaços de manifestação de identidades, discursos e críticas, trazendo à tona questões sociais relevantes.

A partir do estudo de Da Silva (2017), enxergamos que a latrinária não se limita apenas a uma comunicação textual, mas expande-se para o campo visual. Grafismos, desenhos e símbolos acompanham frequentemente as inscrições, contribuindo para a construção de significados e evidenciando a influência do contexto de produção nessa forma única de expressão. Dessa forma, a latrinária revela-se como um canal de expressão que vai além das funções fisiológicas do banheiro, tornando-se um espaço onde vozes anônimas desafiam, provocam e refletem sobre as normas sociais, as representações de gênero e as complexidades da sexualidade humana, tal como constatado por Junior, Santos e Flores, (2023, p. 423) e Da Silva (2017).

A escrita nas paredes do cotidiano, longe de ser apenas um ato comum, configura-se como uma forma única de linguagem que merece ser compreendida em sua riqueza discursiva, sob as lentes da ciência, e não sob uma ótica puramente higienista. Porém, a partir do estudo, as problemáticas naturalmente sobem à su-

perfície, revelando práticas por vezes nocivas: o mal notado não é o ato de escrever em paredes e portas de banheiro, mas o teor discursivo de tais escritos. Na próxima seção, avançamos com a exposição das diferentes pesquisas e abordagens realizadas sobre a temática no Brasil.

2. PANORAMA DAS PESQUISAS SOBRE LATRINÁRIAS

O estudo da latrinária, ao longo de décadas, proporcionou um vasto panorama que revela a complexidade desta forma única de expressão encontrada nos banheiros públicos. Os (as) pesquisadores (as) aqui topicalizados traçam um percurso epistêmico ao longo das décadas – de Barbosa (1984) a Junior, Santos e Flores (2023). Tais pesquisadores debruçaram-se nas inscrições das paredes sanitárias, explorando suas nuances e desvelando as recorrências que unem estas investigações. Pode-se considerar esse levantamento como um breve estado da arte da pesquisa acerca de grafitos latrinários.

Dando início ao levantamento, Barbosa (1984), em seu tratado sobre análise dos grafitos de banheiros públicos, que possui um caráter de ineditismo no Brasil, destaca a predominância de teor sexual nas mensagens, evidenciando que os gêneros textuais **slogans** e **propagandas** são os mais presentes. A materialidade discursiva de tais gêneros enfatiza a própria sexualidade do enunciador, por meio da exaltação dos atributos sexuais. Este viés persiste ao longo das pesquisas, ressaltando uma notória

associação entre latrinárias e expressões de cunho sexual, muitas vezes explícitas e, em sua maioria, anônimas. E é esse anonimato, presente nos grafitos latrinários, que garante que o teor discursivo possa avançar para temáticas que, na prática social corriqueira, não são abordadas de forma naturalizada.

Damião e Teixeira (2009) exploram o campo das diferenças de gênero presentes nos grafitos. As pesquisadoras verificaram que as categorias de insulto predominam nos banheiros masculinos, enquanto os femininos são marcados por mensagens de romantismo. Tais resultados revelam significativas diferenças, sugerindo dinâmicas específicas para os gêneros, caracterizando estereótipos nos(as) usuários(as) dos banheiros públicos, revelando as representações socialmente demarcadas que permeiam esses espaços.

Da Silva (2017), por sua vez, utiliza-se da psicanálise para compor sua análise, estudando os grafismos em banheiros públicos à luz dessa perspectiva. Sua pesquisa revela a predominância de conteúdos que vão desde marketing pessoal – no sentido de divulgar características sexuais marcantes no enunciador –, declaração de opção sexual – enquanto modo de se autoafirmar no ambiente latrinário –, até a propaganda de material erótico. Tais resultados revelam características sexuais definidas por dimensões psicológicas e identitárias.

Soares (2020) aprofunda a discussão ao analisar os discursos masculinos sobre sexualidade presentes nos banheiros da Biblioteca Central Ruy Alberto Costa Lins, da Universidade Federal

do Acre. Seus resultados indicam a predominância do discurso sexual, especialmente em relação ao sexo oral, além de práticas homofóbicas. Este cenário evidencia que os temas abordados na latrinária não são apenas reflexos das experiências individuais, mas também refletem as dinâmicas sociais e as percepções coletivas sobre sexualidade.

Por fim, Junior, Santos e Flores (2023) oferecem uma análise abrangente das escritas nos banheiros públicos da Universidade Federal de Santa Catarina, lançando mão de teorias de gênero, neomaterialismo e arqueogenealogia foucaultiana. Suas conclusões apontam para duas grandes estratégias de gendramento⁸: a primeira, no que cinde o político e o sexual de acordo com uma distribuição entre o feminino e o masculino; a segunda, de retomada dos discursos cisheteronormativos e de aparecimento dos discursos trans, questionando simultaneamente as normas de gênero e a própria diferenciação gendrada dos banheiros.

Cruzando-se essas recorrências, emerge a constante presença do teor sexual como a característica mais predominante na latrinária. Mesmo em estudos que exploram diferentes nuances, a centralidade da sexualidade se destaca, sugerindo que, no contexto das inscrições de banheiro, é esse aspecto que mais fortemente ressoa entre os sujeitos que as produzem

Este panorama evidencia a os grafitos latrinários como uma modalidade discursiva no qual temas de sexualidade, poder e

⁸ Um ser gendrado é um ser inserido na dinâmica social e cultural relacionadas à experiência sexuada e aos valores, normas, regras e configurações vinculados a essa experiência (Leiro, 2017, p. 2).

resistência convergem, revelando facetas que giram em torno de problemáticas de gênero. Tais pesquisas reforçam a importância a importância do estudo desse fenômeno, que mostra-se como um reflexo das dinâmicas sociais que revela, não apenas as experiências individuais, mas também os matizes culturais que permeiam os – e persistem nos – banheiros públicos ao longo do tempo. Dessa maneira, avançamos com as conclusões acerca do tema, vinculando-o a conceitos que podem explicar o fenômeno sob uma ótica discursiva.

3. PARA ALÉM DAS PAREDES: CONCLUSÕES SOBRE A PRODUÇÃO LATRINÁRIA

Ao longo desta jornada pela latrinária, as análises revelaram um cenário multifacetado. Desde os estudos de Barbosa (1984), que destacaram a predominância de teor sexual, até as investigações contemporâneas de Junior, Santos e Flores (2023), que mergulharam nas escritas à luz de teorias de gênero e arqueogenealogia foucaultiana, a latrinária emergiu como um fenômeno rico em significados e implicações.

Percebeu-se, então, como apontado por Junior, Santos e Flores (2023), a escrita latrínica como uma ferramenta num campo de batalha simbólica – o banheiro –, onde as normas sociais e as dinâmicas de poder se manifestam de maneiras sutis, porém impactantes. Já Damião e Teixeira (2009) acrescentam uma dimen-

são crítica ao explorar expressões de desigualdade de gênero, revelando que, nos grafitos latrinários, encontramos não apenas manifestações de sexualidade, mas também vozes anônimas inscritas nas paredes não são apenas relatos individuais, mas reflexos de uma cultura que ainda perpetua estereótipos e hierarquias de gênero.

A presença marcante de grafitos homofóbicos, transfóbicos e misóginos, evidenciada por Soares (2020), sublinha a urgência de enfrentar o teor nocivo dessas manifestações. Estas expressões não são apenas escritas sujas; são reflexos de uma sociedade que, mesmo em seus espaços mais íntimos, perpetua discriminações e violências. Enfrentar e desafiar tais discursos torna-se essencial para construir banheiros públicos mais inclusivos, já que a latrinária não apenas reflete a sociedade; ela a co-constrói, recriando e desafiando as normas estabelecidas por meio dos discursos, sejam eles pertencentes a ideologias hegemônicas e opressoras, tenham eles conteúdos agentivos, que carregam em si a vontade de mudar práticas sociais repressoras de identidades de gênero.

Durante o processo de compreensão do objeto de pesquisa, foi necessário refletir sobre o banheiro enquanto espaço discursivo (Costa, 2023a), um lugar que acolhe não somente as funções biológicas do ser às quais está aparelhado, mas também define quem pode e deve utilizá-lo por meio de aparelhos, placas e letreiros, de forma arbitrária, mobilizando a agência de corpos dissidentes que reivindicam seu uso, além da grande controvérsia sobre a forma como banheiros públicos e caseiros são dispostos

e usados. Ao definirmos a latrinária, fazemos movimentos necessários para compreender, também, a cultura latrinária e seu funcionamento nas cabines de banheiros.

Nesse momento, verificamos que, pela perspectiva foucaultiana, a escrita latrinária mostra-se como uma manifestação que, ao se inscrever nas paredes dos banheiros, cria um espaço discursivo à parte, sujeito a suas próprias regras e lógicas. É no ato de utilizar o local para escritas e práticas discursivas que se contribui para a construção de uma heterotopia nesse ambiente que reflete, desafia e reconfigura as normas sociais presentes no cotidiano: “Em geral, a heterotopia tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis” (Foucault, 2013, p. 24). É essa heterotropia que nos proporciona a ideia de que o banheiro, **discursivamente**, é um espaço à parte, fora de todos os lugares e com regras próprias, embora esteja, de fato, localizado, circulado por uma instituição (escola, rodoviária, teatro, cinema etc.).

Ao finalizar esta jornada, fica evidente que a latrinária é um campo de pesquisa vasto e ainda subexplorado. As lacunas existentes, especialmente no que diz respeito à diversidade de vozes e experiências representadas nas paredes dos banheiros públicos, indicam a necessidade premente de mais pesquisas. A pluralidade de perspectivas e identidades que transitam por esses espaços merece ser mais profundamente compreendida, desvendando as complexidades das interações sociais inscritas nas paredes.

Dessa forma, a latrinária, longe de ser apenas uma curiosidade linguística, é um reflexo e um agente das dinâmicas sociais que

moldam nossa sociedade. O aprofundamento no tema tem como objetivo não somente decifrar as mensagens contidas nos grafitos, mas trazer à superfície as tramas socioculturais e políticas que permeiam o cotidiano latrínico e revelam pensamentos enraizados na sociedade. Estudar a latrinária mostra-se como um convite para a reflexão e, também, um chamado para a ação no sentido de promover o entendimento das complexidades humanas que permeiam o ambiente.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Gustavo. **Grafitos de banheiro: A literatura proibida.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

CICCONETTI, Josefina Raquel. Banheiros públicos como demarcação de fronteiras identitárias: experiências de mulheres lésbicas em São Paulo. 2019. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-13062019-192150/en.php>. Acesso em 13 abr. 2023.

COSTA, Melk Andrade. Banheiro como espaço discursivo. In: Iran Ferreira de Melo. (Org.). **Conceitos para estudos transdisciplinares em Discurso.** 1ed. Camaragibe - PE: Ed. dos Autores, 2023, v. 1, p. 6-8.

DA SILVA, José Edson. A sexualidade masculina sob a ótica das escritas latrinárias. **Anais do V Seminário internacional Enlacando Sexualidades 10 anos.** Editora Realize. 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO-EV072-MD1-SA16-ID1074-10082017162759.pdf>. Acesso em 15 jun. 2023.

DAMIÃO, Natália Ferreira; TEIXEIRA, Renata Plaza. Grafitos de banheiro e diferenças de gênero: o que os banheiros têm a dizer? **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 61, n. 2, p. 1-10, 2009.

FOUCAULT, Michel. As heterotopias. In. FOUCAULT, Michel (Org.) **O Corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013, p.19-32.

JÚNIOR, Atilio Butturi; DOS SANTOS, João Rio; FLORES, Bárbara Grapes. As escritas, o gênero e a distribuição da agência no dispositivo banheiro público da Universidade Federal de Santa Catarina. **Porto das Letras**, v. 9, n. 1, p. 414-437, 2023. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodas-letras/article/view/15763>. Acesso em 10 out. 2023.

LEIRO, Lucia. Reflexões sobre leitora gendrada e leitora feminista. **Anais do 13º COLE**. 2017. Disponível em: <https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes-anteriores/anais13/arquivos/seminarios/leiro-lucia.htm>. Acesso em 03 dez 2023.

MENDONÇA, João Sol Ávila. Grafitos de banheiro: um recorte da UFRN e as relações com educação sexual e de gênero. **Anais do VI Encontro de Jovens Investigadores**. Editora Realize. 2019. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/join/2019/TRABALHO-EV124MD4-SA-70-ID594-15072019235824.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2023.

SOARES, Fábio de Farias. Grafitos de banheiro: aproximações iniciais dos discursos masculinos sobre sexualidade. In: ISHII, Raquel Alves; LUCKNER, João Marcos Vaz. (Orgs). **Letramentos e práticas de ensino**. Nepan Editora: Rio Branco. 2020 p. 186-196.

CAPÍTULO 6

UNIDADES FRASEOLÓGICAS EM CAUSOS DE ARIANO SUASSUNA

SILVA, Antonieta Cabral da
Universidade Federal Rural de Pernambuco
cabralantonieta@hotmail.com

PAIM, Marcela Moura Torres
Universidade Federal Rural de Pernambuco
marcela.paim@ufrpe.br

RESUMO:

A linguagem faz parte do sistema de comunicação e interação humana que se transforma a partir das manifestações culturais e sociais de cada povo. O objetivo deste trabalho é descrever e analisar unidades fraseológicas retiradas de causos de Ariano Suassuna disponíveis na plataforma de vídeos, youtube. Discutiremos sobre fraseologismo na perspectiva da linha francesa, através da proposta de Mejri, (1997; 2012). O aporte teórico traz embasamento em outros autores como: Mejri (1997; 2012), Saussure (2006 [1916]), Marcuschi (2007), Oliveira (2008), Bagno (2009), Nascimento (2017), Paim (2019). Metodologicamente, a pesquisa é de

natureza quali-quantitativa e de cunho descritivo (GIL, 2010). Os resultados demonstram que o léxico de uma língua está sempre relacionado à cultura da sociedade. Assim, as pessoas criam unidades fraseológicas para favorecer a comunicação no seu meio social.

Palavras-chave: Causo; Fraseologismos; Língua.

Abstract: Language is part of the human communication and interaction system that transforms based on the cultural and social manifestations of each people. The objective of this work is to describe and analyze phraseological units taken from stories by Ariano Suassuna available on the video platform, YouTube. We will discuss phraseologism from the perspective of the French line, through the proposal of Meiri, (1997; 2012). The theoretical contribution is based on other authors such as: Meiri (1997; 2012), Saussure (2006 [1916]), Marcuschi (2007), Oliveira (2008), Bagno (2009), Nascimento (2017), Paim (2019). Methodologically, the research is qualitative and quantitative in nature and descriptive (GIL, 2010). The results demonstrate that the lexicon of a language is always related to the culture of the society. Thus, people create phraseological units to favor communication in their social environment.

Keywords: Cause; Phraseologisms; Language.

INTRODUÇÃO

"Não troco o meu 'oxente' pelo 'ok' de ninguém!"

(Ariano Suassuna)

O uso da língua se articula de diversas formas, em diferentes situações, a depender de cada indivíduo, do seu grupo social, das suas relações com os outros e com seu meio cultural, Paim (2019). A língua falada, a qual por muitas vezes é considerada "errada"

para algumas pessoas, desencadeia o preconceito linguístico que acaba tomando uma densidade enorme e praticamente incapaz de cessar. Daí, a importância do reconhecimento da valorização das variações que existem na nossa língua.

Em uma mesma região, existem diferentes grupos sociais, conseqüentemente muitas variações, cada uma com suas culturas divergentes, porém a diferença mais notável é com relação à língua falada e escrita nas linguagens formal e informal. Essas linguagens se diferem até mesmo entre alguns grupos específicos em áreas profissionais como a classe médica, os advogados, policiais e as denominadas gírias, sendo essas usadas na maioria das vezes por grupos marginalizados.

Neste artigo, apresentaremos uma breve revisão teórica sobre a biografia de escritor Ariano Suassuna. Em seguida, o caso enquanto gênero discursivo. Logo após, abordamos alguns conceitos dos estudos fraseológicos na perspectiva da linha francesa. Na metodologia, trazemos considerações acerca do *corpus* de análise que toma por base as unidades fraseológicas, com base na fundamentação teórica de Meiri (1997; 2012), que foram apuradas por meio da análise semântico-lexical dos casos de Ariano Suassuna.

1. QUEM FOI ARIANO SUASSUNA?

Ariano Vilar Suassuna formou-se em Filosofia e Direito foi um pro-

fessor universitário à educação brasileira, também foi dramaturgo, ensaísta, poeta. Como professor, sempre colocou em evidência seu posicionamento da valorização da cultura oral do povo. Foi Secretário de Cultura de Pernambuco no governo Miguel Arraes e Secretário de Educação e Cultura de Recife.

Teve sua vida marcada por grandes acontecimentos. Suassuna não se conformava com a desvalorização cultural do povo nordestino, então, buscou, em meados da década de 70, organizar um grande movimento que viesse para causar grande impacto na cultura brasileira, assim surgiu o “movimento armorial”, o qual buscou discutir sobre diversos assuntos em uma vertente de valorização da arte artístico-cultural nordestina. O movimento tinha como ponto da voz e vez as artes populares que tiveram uma abrangência na literatura, dança, teatro, artes plásticas, música, cinema etc.

A obra mais renomada de Suassuna foi “O auto da compadecida” que se tornou conhecida no Brasil, começou com peça, depois se expandiu para o cinema e para literatura. Suassuna teve sua produção voltada mais para o teatro.

2. O CAUSO ENQUANTO GÊNERO DISCURSIVO⁹

A comunicação é imprescindível para todos os seres humanos e é dentro das manifestações que se realizam através da comunicação, como a escrita, a oralidade, os gestos e as expressões etc.

⁹ Bakhtin (1992 e 1997) utiliza o enunciado “gêneros do discurso” para se referir aos textos materializados pelos sujeitos nas interações.”

Isso pode transformar os seres humanos em falantes da língua e do discurso, conduzindo-os à categoria de sujeitos que ocupam um lugar social e histórico de construção de sentidos na relação

com outros sujeitos (Geraldi, 1984).

Bakhtin (1997, p. 106) diz que “o gênero [...] sempre é novo e velho ao mesmo tempo. [...] vive do presente mas sempre recorda o seu passado, o seu começo.” Neste contexto, os gêneros discursivos se modificam conforme a sua atuação, pois os gêneros não nascem do nada: eles fazem parte da cultura, dos aspectos sociais e da comunicação de cada época.

Complementando as ideias de Geraldi e Bakhtin, Oliveira (2008) diz que o *causo* é um gênero discursivo, pois apresenta características temático-discursivas definidas que traz narrativas curtas e breves, na maioria das vezes oral. Eles se enquadram na categoria lúdica que explora o riso; a crítica social, que se sustenta na ironia; *revide*, que evidencia a vingança; e aterrorizante, que desperta o medo. Traz traços da diversidade, tradições populares de um povo, marcada por suas crenças, tabus, ideologias, conceitos, tradições familiares e religiosas com elementos característicos da sua região.

3. REFLEXÕES SOBRE UNIDADES FRASEOLÓGICAS NA CORRENTE FRANCESA

Na perspectiva da linha francesa, a linguagem se manifesta através de associações sintagmáticas que ocorrem com regularidade formando as sequências figéas, ou seja, um conjunto de palavras. Mejrí (2012) conceitua a Fraseologia como fenômeno linguístico, comum a todas as línguas vivas, que está sempre mudando a depender das influências culturais.

Cada povo uma língua, dessa maneira não existe uma única língua, mas sim, diversos falares nas regiões do Brasil. O falante sempre utiliza um conjunto de palavras para se referir a algo ou seja, “[...] frases feitas, nas quais o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas” (SAUSSURE, 2006 [1916], p.144).

Assim, essas “frases feitas” são o que chamamos de unidades lexicais que podem ser orais ou escritas. Essas estruturas estão muito presentes em nosso dia-a-dia, são combinações de palavras que juntas têm um significado próprio, daí, surge o termo fraseologismo.

Quem nunca ouviu falar alguma dessas expressões: “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura; gato escaldado tem medo de água fria; em terra de cego, quem tem olho é rei; Deus escreve certo em linhas tortas; a união faz a força”? Essas expressões são consideradas unidades fraseológicas, com base em Mejrí (1997), pelo fato de estarem ligadas a cinco características essenciais como: ser formada por mais de uma palavra; estar convencionada devido ao uso frequente; possuir estabilidade, visto que seus componentes mantêm certa ordem; apresentar

algumas particularidades semânticas ou sintáticas; ser passível de modificações nos elementos que as integram.

Outro fator importante que Meiri (2012) traz é que os fraseologismos atuam no processo de “figement” (fixação, cristalização, congelamento) e apresentam diferentes graus de fixação, polilexicalidade, congruência e idiomatidade

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As unidades fraseológicas analisadas nesse trabalho foram retiradas de casos de Ariano Suassuna disponíveis na plataforma de vídeos, youtube. A metodologia utilizada durante a construção do artigo foi de natureza quali-quantitativa e de cunho descritivo.

5. ANÁLISE DOS DADOS

As unidades fraseológicas são expostas, aqui, em suas frases de origem e foram organizadas em ordem alfabética:

- “agora me diga, isso tem jeito?”

AGORA ME DIGA. Categoria gramatical: (advérbio + pronome + verbo). Expressão usada quando a pessoa fica desapontada com algo e pretende justificar que a outra pessoa não está correta.

- “Por que além do mais é uma língua”

ALÉM DO MAIS. Categoria gramatical: (advérbio + preposição + advérbio). Expressão usada quando a pessoa quer acrescentar uma informação ao dito anteriormente.

- “Deus me livre, isso é lá língua”

DEUS ME LIVRE. Categoria gramatical: (substantivo + pronome + adjetivo). Expressão usada quando a pessoa pede um livramento de alguma coisa que não é boa.

- “Uma confusão dos diabos”

DOS DIABOS Categoria gramatical: (preposição + substantivo). Expressão usada quando algo não anda normal.

- “graças a Deus, eu nasci em um país que fala português”

GRAÇAS A DEUS. Categoria gramatical: (substantivo + artigo + substantivo). Expressão usada para agradecer por alguma coisa.

- “Ele vive quebrando as cristas comigo”

QUEBRANDO AS CRISTAS. Categoria gramatical: (verbo + artigo + substantivo). É um termo usado para dizer que a pessoa se decepciona com alguma coisa.

- “Um sujeito de classe média todo regrado”

TUDO REGRADO. Categoria gramatical: (adjetivo + adjetivo).

Expressão usada quando está conforme as regras da situação.

- "Tô desgraçado que não fui"

TÔ DESGRAÇADO. Categoria gramatical: (verbo + adjetivo). Expressão usada quando a pessoa se sente incapaz, sem sorte.

- "aquele vestido que as mulheres usam aqui é tomara que caia"

TOMARA QUE CAIA. Categoria gramatical: (interjeição + pronome + verbo). Expressão usada para roupa que cobre o tronco, mas não possui alças nem mangas.

- "Palavras demais nas frases e repare se não é mesmo"

REPARE SE NÃO É MESMO. Categoria gramatical: (verbo + pronome + advérbio + verbo + adjetivo). Essa unidade fraseológica traz um valor semântico de reflexão para confirmar algo dito anteriormente.

- "Vai timbora, isso é lá língua!"

VAI TIMBORA Categoria gramatical: (verbo + advérbio). Expressão usada na linguagem informal para pedir que uma pessoa vá embora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as reflexões feitas pelos autores discutidos nesse trabalho, foi possível refletir sobre o valor semântico da estrutura fraseológica e perceber que o léxico de uma língua está sempre relacionado à cultura da sociedade.

Assim, as pessoas criam unidades fraseológicas para favorecer a comunicação no seu meio social. Também ficou evidente que Ariano Suassuna, em suas falas, faz questão de trazer expressões relacionadas à cultura local para dar visibilidade à cultura nordestina.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 55. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva et alii (Org.). **Gêneros textuais & ensino**. 5. ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MEJRI, Salah. Délimitation des unités phraséologiques. In: ORTIZ, M. L. (ed.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas, SP: Pontes, 2012. p. 139-156. v. 1.

MEJRI, Salah. **Le figement lexical: descriptions linguistiques et structuration sémantique.** Manouba: Publications de la Faculté des Lettres de la Manouba, 1997.

OLIVEIRA, Inácio Rodrigues de Oliveira. **Gênero causo: narrativa e tipologia.** Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

PAIM, Marcela Moura Torres. **Tudo é diverso no universo.** Salvador: Quarteto, 2019.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral.** Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27^a ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

